

# CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

# Homero em cores: fantasia metaplasmática (*Ilíada* XXI, vv. 383-520)

Tereza Virginia Ribeiro Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** Propomos a tradução em *fantasia metaplasmática* da *Ilíada* de Homero (XXI.383-520) com o intuito de mostrar a relevância da manutenção – no processo tradutório – da diversidade linguística dos poemas homéricos (tanto em sua parte narrativa quanto naquela outra essencialmente mimética). Acreditamos que a versão dos poemas que considera a variação linguística garante em sua configuração dinamismo, humor e vivacidade, policromia. Tentamos, portanto, preservar a coloração linguística do texto pela combinação de formas dialetais gregas e luso-brasileiras (fornecidas por informações de estudos e dicionários). O ritmo – não a métrica – foi haurido a partir de estudos de Henri Meschonnic (2010, 2006, 1985). As marcações dramáticas se pautaram pelos estudos de Donald Lateiner (2017, 2005, 1998, 1987). Grosso modo, o processo é análogo ao da reconstrução de cores nas esculturas antigas, procedimento que se pode conhecer com o trabalho dos arqueólogos Vinzenz Brinkmann e Ulrike Koch-Brinkmann, os quais, ao apresentá-lo para o público, recordam versos da *Helena* eurípida: “Desbotada qual estátua estivesse e, noutra forma, em vez de bela, deslavada ficasse...”<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Homero; tradução; fantasia metaplasmática.

**Abstract:** We propose a so called *metaplastic fantasy* translation of Homer's *Iliad* (21.383-520) to demonstrate the relevance of maintaining the linguistic diversity of Homeric poems (both in their

---

1 Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais; bolsista de produtividade 1C do CNPq.

2 [εἴθ' ἐξαλειφθεῖσ' ὡς ἄγαλμ' αὐθίς πάλιν| αἴσχιον εἴδος ἔλαβον ἀντὶ τοῦ καλοῦ] (EURÍPIDES, *Helena*, vv. 262-263). Sempre que não for mencionado o nome do/a tradutor/a, a tradução é de nossa responsabilidade.

narrative and essentially mimetic parts) in the translation process. We believe that a version of poems that considers linguistic variation ensures dynamism, humor, and vivacity, as well as polychromy. We therefore attempt to preserve the text's linguistic coloration by combining Greek and Luso-Brazilian dialectal forms (provided by information from studies and dictionaries). The rhythm—not the meter—was drawn from studies by Henri Meschonnic (2010, 2006, 1985). The dramatic markings were based on the studies of Donald Lateiner (2017, 2005, 1998, 1987). Roughly speaking, the process is analogous to the reconstruction of colors in ancient sculptures, a procedure that can be seen in the work of archaeologists Vinzenz Brinkmann and Ulrike Koch-Brinkmann, who, when presenting it to the public, recall verses from Eurípides' *Helen*: “Faded as a statue, and in another form, instead of beautiful, all washed I would be...”.

**Keywords:** Homer; translation; metaplastic fantasy.

Há quatro anos, publicamos na *Revista Re-produção*, da Casa Guilherme de Almeida,<sup>3</sup> a primeira versão daquilo que nomeamos como *Fantasia Metaplasmática de Homero*, uma estratégia tradutória e interpretativa que considera as variantes dialetais homéricas para verter para o português o texto grego dos poemas. *A prática adveio da leitura associada e comparada* de Homero e Guimarães Rosa. Buscamos conjugar na língua portuguesa variantes regionais distintas, sua metaplasmia audível, sua expressividade e sintaxe flutuante e rítmica, com os componentes moventes dos poemas homéricos (formas dialetais, arcaísmos, a variedade de licenças métricas, a sintaxe paratática e até mesmo as perdas ou emendas não conclusivas; em resumo, os recursos que permitem ao poeta nomear seu estilo como *ἔπεια πτερόεντα*). Servimo-nos teoricamente de Henri Meschonnic, que intui algo proveitoso em relação à poesia e ao ritmo na poesia, e, consequentemente, aplicável tanto a Homero quanto a Guimarães Rosa. Meschonnic defende que “[m]ais do que o sentido, (...), o ritmo transforma o modo de significar. O dito muda completamente, conforme levamos em conta este ritmo ou não, a significância ou não” e “[i]sto não vale somente para os poemas”.<sup>4</sup> Além disso, Meschonnic destaca pontos que nos servem diretamente: “Os editores não sabem ainda hoje que a pontuação na poética de um texto é seu gestual, sua oralidade. E mesmo que ela seja apenas o feito dos tipógrafos da época, ela pertence à sua historicidade. É, por isso, oportuno examinar mais de perto como opera a identificação do falado

3 Disponível em <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/arquivos/fantasias-metaplasmticas.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

4 MESCHONNIC, 2010, p. 46, tradução de Jerusa Ferreira e Suely Fenerich.

e do oral que determina uma tal situação da leitura”.<sup>5</sup> Deste modo, pensamos que os textos homéricos que chegaram até nós podem ser vertidos a partir de vários aspectos: a métrica, o ritmo, o desvio; o significado, a sonoridade, a audibilidade, a gestualidade etc. Privilegiar somente um é fazer caricatura desleal do poeta antigo jônio. Aliás, segundo Miller (2014, p. 95) e Bakker (1997, p. 302), o discurso homérico não é regido pela pontuação ou pela divisão hexamétrica, mas por unidades entonacionais, o que é bastante significativo para performances.<sup>6</sup>

Entretanto, a tradução parcial do canto XXI da *Iliada* publicada na *Revista Re-produção* tinha como escopo a encenação e oralização dramática na tessitura antiga. Naquele propósito inicial, privilegiávamos, na estratégia tradutória escolhida, os trechos construídos com discursos diretos. Buscávamos traduzir as possíveis “ênfases de atuação” cifradas na enunciação das personagens, as quais se pronunciassem através de comportamentos não verbais (proxêmica e cronêmica),<sup>7</sup> metaplasmos e formas dialetais utilizadas na partitura escrita e, desde a Antiguidade, registradas em Homero. Nessas ditas ênfases, víamos e tentávamos recuperar o mais possível a densidade gestual original, o contexto sonoro altamente comunicativo e a diversidade enunciativa, que, no conjunto, resultavam em uma metaplasmia conteudista e definidora de caracteres cênicos através da dialetologia e da sociolinguística. Assim fizemos e, na publicação, apresentamos uma proposta de tradução cênica, recuperando o velho Platão (1983) e a descrição da poesia homérica como um gênero literário misto (diegese simples e diegese mimética misturadas).<sup>8</sup>

5 MESCHONNIC, 2006, p. 23-24, tradução de Cristiano Florentino.

6 Para mais detalhes sobre a prática, ver BARBOSA, 2025, *Revista Aletria*.

7 *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]: “Proxémica, nome feminino. 1. estudo das distâncias físicas que os indivíduos estabelecem entre si quando interagem socialmente e do significado e possíveis razões da variação dessas distâncias; 2. estudo da utilização do espaço, principalmente pelo ser humano”. Cronêmica/cronêmicos. O uso, a percepção e a manipulação do tempo pelo autor. Para um estudo mais aprofundado, ver LATEINER, 2005, p. 413-421.

8 Na *República* 392c, Platão abre discussão sobre o estilo (*léxis*) que se utiliza na poesia e apresenta Sócrates teorizando e discutindo as formas de *lógoi*, apontando também, segundo Moura (1998, p. 206), a relevância de se verificar “a *léxis*, ou seja, a maneira como a poesia diz seu *lógos*. Haveria, assim, dois procedimentos básicos na poesia: a simples narrativa e a imitação (em 392d: *hapλei diegέsei e diὰ mimέseος gignomέnei*, respectivamente). Este corresponde aos momentos em que o poeta faz as personagens falarem; aquele, aos trechos em que fala por si mesmo – diríamos, hoje, utilizando diretamente a voz do narrador. Na epopeia, teremos a mistura das duas modalidades; na tragédia, só a imitação”. Brandão (2007, p. 364-365) segue o mesmo raciocínio: “São dois os tipos básicos (ou ‘puros’) de *léxis* dos poetas: a diegese simples e a diegese mimética. O terceiro tipo nada mais é que mescla desses dois. Conclusão: do mesmo modo que nem toda diegese comporta mimese, nem toda mimese supõe diegese (conforme 397a, alguém pode mimerizar trovões, ventos, trombetas e flautas). Contudo, se há poesia (*poίesis*) há diegese (também,

Para este artigo, vamos propor novamente a tradução dos versos (*Ilíada* XXI) em *fantasia metaplasmática*, mas com o intuito de mostrar o colorido e a diversidade linguística dos poemas, tanto em sua parte essencialmente mimética, tal como antes, quanto nas funções narrativas do aedo. Ao buscar uma reconstrução experimental na tradução de Homero, inspiramo-nos no processo desenvolvido por Vinzenz Brinkmann e Ulrike Koch-Brinkmann (2019) em relação às cores recuperadas das estátuas antigas (figuras 1 e 2). O resultado pode ser visualizado rapidamente na *Pequena mulher de Herculano*.



[Figura 1. Pequena mulher de Herculano. Mármore. 169 cm. Séc. I d.C.

Skulpturensammlung, Staatliche Kunstsammlungen Dresden. ©Acesso livre.

<https://skd-online-collection.skd.museum/Details/Index/166437>



[Figura 2. Reconstrução colorida da Pequena mulher de Herculano. Pigmentos naturais em têmpera com folhas de ouro sobre gesso. 181 cm. Wikimedia Commons: ©Aquaplaning. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Experimental\\_color\\_reconstruction\\_of\\_the\\_so-called\\_Small\\_Herculaneum\\_Woman.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Experimental_color_reconstruction_of_the_so-called_Small_Herculaneum_Woman.jpg)]

recordar-se, se há mitologia). Mas esta não se reduz a ‘narrativa’, no sentido restrito como a entendemos, podendo englobar todas as formas de exposição: um poema de Safo (por exemplo, o famoso *phaínetai moi*) ou uma elegia de Sólon são tão diegéticos quanto os poemas de Homero ou as tragédias de Sófocles, com a diferença de que, neles, não há mimese, enquanto representação do discurso do outro, pois é só o poeta quem fala como si mesmo, sem se ‘fazer semelhante a um outro pela voz ou pelo gesto’ e ‘jamais se ocultando’ (conforme a definição de mimese em *Rep.* 393c)”. Cf. PLATÃO (1983), *República*, 377d; 393a-396e.

## Histórico do processo

A tradução que vamos apresentar é resultado parcial de um projeto maior vinculado ao CNPq. Um dos primeiros registros da pesquisa se deu na revista *Épicas* (BARBOSA, 2020), periódico do Centro Internacional e Multidisciplinar da Universidade Federal de Sergipe, quando vertemos três pequenos trechos da *Ilíada* com aplicação de estratégias tradutórias até então inéditas e que se pautavam nas orientações de João Guimarães Rosa e em situações literárias complexas comentadas por ele em cartas a seus tradutores para o alemão, o inglês e o italiano. Na ocasião da redação, discutimos a potência de uso dos metaplasmos e da sintaxe rítmica (proposta de Meschonnic) em textos literários e, particularmente, no espelhamento Homero e João Guimarães Rosa. Defendemos a hipótese de que os metaplasmos e a sintaxe rítmica são instrumentos utilizados pelo escritor mineiro, de forma artística e consciente, com vistas a alargar a recepção cultural e linguística da sua obra, a qual, segundo pensamos, ambicionava e alcançava escopo universal.

Na mesma publicação, sustentamos, outrossim, que processo análogo se deu, já na Antiguidade, na fixação dos poemas homéricos, que tiveram a primeira edição escrita dois ou três séculos após sua produção oral, respeitando-se, nesse processo, a variação sintática e linguística – diacrônica e sincrônica – presente na língua grega do uso comum e no vasto espectro do território falante da Hélade (incluindo as ilhas e a Ásia Menor), o que veio a constituir aquilo que se chamou de “grego homérico”: língua composta ou, em outros termos, ficta, com critérios estéticos e dramáticos, abarcando, prioritariamente, os dialetos eólico e jônio-árcaico com marcas sutis de dialetos arcado-cipriano, ático e, ainda, formas não gregas de outras regiões linguísticas.

Argumentamos, igualmente, no mesmo artigo, que a escolha de uma língua composta e artificial – que integra sincrônica e diacronicamente variantes lexicais e uma sintaxe flutuante, regida pela respiração do falante, não somente permite, em Homero como em Rosa, a figuração abrangente da cultura, como também autoriza o estabelecimento de um modo inclusivo de se representar um povo, de democratizar essa mesma representação e de construir a produção artística como uma metonímia de nação. Se Homero ou Rosa pretendiam mimetizar um mundo de falantes de grego e português, levando em conta os falares diversos que constituem esses idiomas e valorizando-os esteticamente, sem dúvida alguma, ambos foram muito bem-sucedidos. Consequência disso foi a projeção de suas obras no tempo e espaço e a consolidação de territórios literários unificados e equivalentes às várias partes de uma extensão territorial heterogênea e diversificada, a saber, a

Grécia homérica e o Sertão brasileiro. Além disso e em consonância com o que afirma Monro a propósito do rapsodo grego, entendemos que

essa multiplicidade de formas gramaticais só pode ser explicada pela consideração de que a linguagem da poesia épica era mais do que um dialeto: era um estilo altamente cultivado e, consequentemente e de certa forma, um estilo convencional, no qual as formas mais antigas eram preservadas pela força da tradição poética. O uso de inflexão arcaica em tal estilo não é desconhecido em inglês [nem no português]: assim, dessa forma, preservamos a terceira pessoa do singular em *-eth*, muitos Tempos Passados em *-ed*, o pronome *ye*, os possessivos *mine* e *thine* para *my* e *thy* etc. [as formas arcaicas dos pronomes em português ver-se-ão na tradução]. A riqueza homérica de inflexão é provavelmente um fenômeno do mesmo tipo, só que em uma escala muito maior. Só podemos imaginar até que ponto o dialeto poético é diferente do ‘antigo jônico’ falado normalmente pelos contemporâneos do poeta. Esse caráter do dialeto aparece também no vocabulário, especialmente no uso de ‘epítetos fixos’ e em muitas frases e expressões convencionais. Várias palavras e frases são evidentemente usadas sem nenhum significado distinto (...). Algumas peculiaridades de forma podem vir da ‘mistura’ de dialetos”. (MONRO, 1878, p. 53)<sup>9</sup>

Concluímos na ocasião que Rosa, com o mesmo estilo, ao espelhar os bardos antigos, ensinou-nos a ler, ouvir e traduzir Homero do grego para o português. Finalmente, resta afirmar que o artigo teve repercussão bastante positiva e, um ano depois, foi-me solicitada autorização para sua tradução a qual, concluída, foi publicada em revista eletrônica, *Recueil Ouvert*, vinculada ao grupo de pesquisa do Project Épopée coordenado por Florence Goyet (2021), da Université Grenoble Alpes, U. M. R. Litt. & Arts).<sup>10</sup>

9 [this multiplicity of grammatical forms can only be explained by the consideration that the language of Epic poetry was more than a dialect: it was a highly cultivated and consequently in some degree a conventional style, in which older forms were preserved by the force of poetical tradition. The use of archaic inflexion in such a style is not unknown in English: we retain in this way the 3 sing. in *-eth*, many Past Tenses in *-ed*, the Pronoun *ye*, the Possessives *mine* and *thine* for *my* and *thy*, etc. The Homeric richness of inflexion is probably a phenomenon of the same kind, only on a much larger scale. How far the poetic dialect different from the ordinary spoken ‘Old Ionic’ of the poet’s contemporaries can only be guessed. This character of the dialect appears also in the vocabulary, especially in the use of ‘fixed epithets’, and in many conventional phrases and turn of expression. Several words and phrases are evidently used without any distinct meaning (...). A few peculiarities of form may arise from ‘mixture’ of dialects.]

10 O único acesso hoje disponível parece ser via Scribd.com. Ver BARBOSA, 2021.

## A fantasia metaplasmática de *Ilíada* XXI, vv. 383-520: *Porfiada Divina*

Vamos, portanto, observar um pequeno trecho traduzido e arquitetado de modo a notar-se e anotar-se cuidadosamente o que o texto grego indica e o que a língua portuguesa assimila em relação às variantes linguísticas. Aliás, os processos presentes no texto grego homérico (e existentes na língua portuguesa) são múltiplos e diversificados, aproximando-se, seja no que diz respeito aos metaplasmos (prótese, epêntese, paragoge ou epítese, suarabácti, aférese, síncope, apócope, haplologia, metátese, hipértese, sístole, diástole e, ademais, casos de degeneração, dissimilação, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, metafonia, nasalização, palatalização, sonorização e despalatização), seja em relação aos arcaísmos, tautologias, redundâncias, onomatopeias, aliterações e, igualmente, ao uso da parataxe e das lacunas de oralidade, das redundâncias e ambiguidades sintáticas. Ver-se-á, pois, que foi necessário buscar inúmeras “formas de negociação tradutória” entre as línguas para se respeitar o estilo poético assim estabelecido.

Ver Homero deste modo é estratagema análogo ao que propôs Paul Ricoeur em reflexão sobre o mito de Babel. Diante da multiplicidade e a fim de entender a prodigalidade doário, ele, ao contrário de pensar o mito de Babel como “catástrofe linguística irremediável”, “punição de Deus” e “prodigalidade nefasta”, redireciona a interpretação do mito e apresenta-o como um ato original de pujança vital, movimento e colorido linguístico (RICOEUR, 2012, p. 35).

Com Rosa e com Homero, somos levados a atentar para a fecundidade dos desvios e variações linguísticas, e parece-nos não ser mais possível encarar como processo natural a neutralização das diferenças – em grego ou português (ou outras línguas quaisquer) – por meio de uso de uma língua padrão mais preocupada com a correção do que com os efeitos da fala proferida. A sofisticação de composição de tais obras, em nossa opinião, exige sofisticação na tradução; tirar dos textos o que estes autores têm de mais complexo, belo e vigoroso é mutilar seu estilo.

Vamos, portanto, apresentar a tradução dos vv. 383-520 do canto XXI, Φ, da *Ilíada* de Homero. Utilizamos a edição *free* do Projeto Perseus: Homer (1920). O corte incide no instante depois que Xanto, suplicando que Hefesto extinga o fogo que ardia sobre suas águas, dirige uma prece a Hera. Ao rio, a deusa anuiu prontamente. O fogo cessa. Entretanto, entre os deuses inicia-se uma fabulosa θεομαχία, vv. 385-520, nomeada aqui como “Porfiada divina”. Excitados, os olímpicos se envolvem na polêmica. Ares ataca Atena, que revida com uma pedra enorme. Afrodite resgata Ares e incomoda Hera, que, por sua vez, provoca Atena,

que desafia Afrodite com um soco no peito. Poséidon sente-se estimulado e convida Apolo para entrar na briga. Apolo recusa o convite, recordando-lhe a traição de Laomedonte. Ártemis repreende o irmão, que lhe dá as costas. Hera se enfurece e agride Ártemis, que, magoada, retira-se para o Olimpo; Leto, sua mãe, vai com ela.

### *Ilíada XXI, vv. 383-520*

αὐτὰρ ἐπεὶ Ξάνθοιο<sup>11</sup> δάμη<sup>12</sup> μένος, οἵ<sup>13</sup> μὲν ἔπειτα παυσάσθην,<sup>14</sup> Ἡρη γάρ ἐρύκακε<sup>15</sup> χωμένη<sup>16</sup> περ· 385 ἐν δ' ἄλλοισι<sup>17</sup> θεοῖσιν<sup>18</sup> ἔρις πέσει<sup>19</sup> βεβριθῆνα

Despois de ter a brabeza do Xanto mansada, *eis* dois calmaram; aí, Hera, inda entourada, quietô-se! Só q' no mei'd'otros deusos, rixa pejada baixô,

11 Ξάνθοιο, genitivo épico de Xanto. A marca dialetal não foi traduzida, o efeito provocado com o uso da forma foi recuperado, na tradução, pelo arcaísmo adverbial “despois”.

12 Aoristo homérico (jônico) sem aumento; na tradução “amansar; mansada” (com aférese).

13 Pronome de 3<sup>a</sup> pessoa (“ele, o qual, alguém, uns... outros, aquele, os mesmos...”) traduzido aqui como “eis”, isto é, o pronome “eles” com queda do /l/ intervocálico e dissimilação /e/ > /i/, comum em Minas Gerais; o mesmo pronome foi, alternadamente, em outras passagens, como “ille/illa/illu”, formas latinas; “el” forma do português arcaico; “le” por lhe (AMARAL, 1920, p. 59); “li” já que, via de regra, o /-el/ final soa como /i/ na pronúncia (MONTEIRO, 2021, p. 369) e, finalmente, “ês”, forma com síncope do séc. XIII, presente no dialeto do Vale do Jequitinhonha, MG (ANTUNES, 2013, p. 108). Afinal, no nosso falar, “as vogais são todas pronunciadas, mesmo as átonas, quer mediais quer finais. Não dizemos *tel'fon-e* ou *pared'* com o e reduzido, mas *telefôni*, parêdi. Não há nelas diminuição de quantidade, nem ensurdecimento, como em Portugal” (MARROQUIM, 1934, p. 21).

14 Terceira pessoa, dual, de um aoristo médio homérico (jônico) sem aumento, traduzido por “acalmaram-se” (com aférese).

15 Aoristo épico (jônico) sem aumento de ἐρύκω, “deter, conter”; tradução: “aquietar-se” com aférese e apócope (redução do ditongo /ou/ conforme NASCENTES 1953, p. 41).

16 Partícpio presente épico (jônico e ático) de χώματι, “estar enfurecido” traduzido por “entoirar/entourar”, do dialeto alentejano, “Zangar-se, amuar. Embezerrar-se; encamelar. (De toiro. Cp. embezerrar)”, cf. FIGUEIREDO, 1913, p. 742.

17 Dativo épico (jônico e cônico) de ἄλλος, “outro”; tradução: “ou e *oi* (dits.) – a) Acentuado ou não, contrai-se o primeiro em ô: *pôco*, *toro*, *locura*, *rôpa*. Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso dos ditongos *ou* e *oi*. Para o caipira, tal sincretismo não existe: os vocábulos onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra*, ôro, *estôro*, *coro*, *côve*, *loco*, *bassôra*, *toca*, *frôxo*, *trôxa*, e nunca *lavoirâ*, *oiro* etc.; por outro lado, *dois*, *noite*, *coisa*, *poiso*, *foice*, *toicinho*, *oitão*, *afôito*, *biscoito*, *moita*, e nunca *dous*, *noute*, etc.” (AMARAL, 1920, p. 25).

18 Dativo épico (jônico e cônico) de θεός, “deus”; aqui traduzido como deuso”, com paragoge/epítese de “deus”, dialeto mineiro (cf. expressão “ma meu deuso” em RESENDE, 2006, p. 91; cf. SILVA, 2002, p. 44; SEO, 2019, p. VII).

19 Aoristo homérico (jônico) sem aumento de πίπτω, “cair, tombar”; na tradução, “abaixar”, verbo o qual foi registrado com aférese, síncope do /i/ e apócope do /u/. (AMARAL, 1920, p. 30).

ἀργαλέη,<sup>20</sup> δίχα δέ σφιν ἐνὶ φρεσὶ θυμὸς ἄητο<sup>21</sup>

Σὺν δὲ ἔπεσον μεγάλῳ πατάγῳ, βράχε<sup>22</sup> δὲ εὐρεῖα<sup>23</sup> χθόνιον,  
ἀμφὶ δὲ σάλπιγξεν<sup>24</sup> μέγας οὐρανός. ἄτε<sup>25</sup> δὲ Ζεὺς  
ἡμενος Οὐλύμπῳ<sup>26</sup> ἐγέλασσε δέ οἱ φύλον ἦτορ  
390 γηθοσύνη, ὅθι ὄρατο θεοὺς ἔριδι ξυνιόντας.

margosa, e o imo peito *d'eis*, rachando, rufla!

Juntos s'atracaram, alta ingresia, ronca a terra parruda;  
altanado, o céu cornetou alvorada. Zeus — no Ólimpo  
tronado — escutava e, dócil, o coração se lhe garriu<sup>27</sup>  
em gozo, causa d'espíar reixentes<sup>28</sup> deuses à porfia.

20 Forma épica (jônica) traduzida por “amargosa”, com aférese, “margosa”.

21 Imperfeito épico (dórico e eólico) médio-passivo de ἄημι, “ser agitado por um sopro”. Tradução: “racha” no gerúndio (que subentende o advérbio δίχα = partir em dois) + “rufla”.

22 Aoristo épico sem aumento de βράχῳ, “retinir, estalar, retumbar”; tradução: “ronca” conforme Guimarães Rosa: “Lá — estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide. O Gorgulho mais olhava-o, de arrevirar bogalhos; parecia que aqueles olhos seus dele iam sair, se esticar para fora, com pedúnculos, como tentáculos. — ‘Possível ter havido alguma coisa?’ — frei Sinfrão perguntava. — ‘Essas serras gemem, roncam, às vezes, com retumbo de longe trovão, o chão treme, se sacode. Serão descarregamentos subterrâneos, o desabar profundo de camadas calcáreas, como nos terremotos de Bom-Sucesso... Dizem que isso acontece mais é por volta da lua-cheia...’” (ROSA, *Recado do Morro*, 2009a, p. 447).

23 Nominativo feminino jônico de εὐρύς, “largo, extenso”; tradução a partir do vocabulário cearense: “parrudo” (GIRÃO, 2000, p. 288).

24 Aoristo épico (jônico), sem aumento, de σαλπίζω, “fazer soar a salpinge, uma espécie de trompeta”. Utilizamos, na tradução, o verbo “cornetear” com metaplasmo (síncope): “cornetar” (NASCENTES, 1953, p. 64). Com duplo sentido, “cornetear” significa tanto “causar estrondo” quanto “anunciar a manhã”. Introduzimos no texto traduzido o objeto direto pleonástico “alvorada”; por outro lado, tomamos o advérbio ἀμφὶ, “ao redor de”, como implícito no verbo com o sentido de “causar estrondo”.

25 Imperfeito dórico e eólico de ἀτίο, “escutar”; tradução: “escutar” na forma arcaica (MOREIRA, 2005, p. 318; AMARAL, 1920, p. 33).

26 Dativo épico (jônico) de Ὀλύμπος, “Ólimpo”; marcamos na tradução a diferença com uma diástole, assim, a forma portuguesa “Ólimpo” passa a “Ólimpo” que, por sua vez, preserva a acentuação grega erroneamente (diástole = “deslocamento, por avanço do acento tônico de um vocábulo: opto > opito (pí); gratuito > gratuito; águo > aguo (gú) (forma aceita); ínterim > interim (rím); e designo > desiguiño (gúi)”. (LIMA *et alii*, 2022, p. 985).

27 Aoristo épico de γελάω, “rir”. Ao utilizar o verbo “garrir”, intentamos traduzir o alarido do coração de Zeus como um grito de ave, a águia, animal que o simboliza. A águia simula gorgalhadas ao emitir seus sons. Cf. <https://www.wikiaves.com.br/wiki/agua-pescadora?utm=%C3%A1guia>. O verbo escolhido, “garrir” (ressoar, badalar, matraquear, chilreiar) guarda também o sentido e o som de “rir”, forma tradicional com que se traduz a forma ἐγέλασσε de γελάω. Note-se, no trecho, o “tricolon sonoro crescente” que provoca efeitos grandiosos e que Richardson dissecou: ‘A ‘tricolon crescendo’ to describe the cosmic sound effects. Note the staccato rhythm of the four opening dactyls in v. 387, and the heavy spondaic ending with final monosyllable. Verse 387 resembles v. 9, and here too in μεγάλῳ πατάγῳ, βράχε δὲ εὐρεῖα χθόνιον sound echoes sense. Cf. the grandiose sound effects in the prologue to the *Theomachy*, at 20 v. 47-53 and 20, v. 56-66.’ (RICHARDSON, 2000, p. 86) [Um “tricolon em crescendo” para descrever os efeitos sonoros cósmicos. Note-se o ritmo *staccato* dos quatro dáctilos iniciais no v. 387, e a pesada terminação espondaica com o monossílabo final. O verso 387 assemelha-se ao 9, e aqui também em μεγάλῳ πατάγῳ, βράχε δὲ εὐρεῖα χθόνιον o som ecoa o sentido. Cf. os grandiosos efeitos sonoros no prólogo da *Teomaquia*, no canto 20, v. 47-53 e 20, v. 56-66.]

28 Do vocabulário cearense, por “rixento/reixento”. Cf. GIRÃO, 2000, p. 321. Marcamos, assim, pelo léxico cearense, a variação da linguística (forma dórica no original: ξύνειμι por σύνειμι).

ἔνθ' οἵ γ' οὐκέτι δηρὸν ἀφέστασαν· ἦρχε<sup>29</sup> γὰρ Ἀρης  
 ρίνοτόρος, καὶ πρῶτος Ἀθηναίη ἐπόρουσε<sup>30</sup>  
 χάλκεον ἔγχος ἔχων, καὶ ὄνειδειον φάτο<sup>31</sup> μῦθον·  
 τίπτ<sup>32</sup> αὗτ' ὃ κυνάμια<sup>33</sup> θεοὺς ἔριδι ἔνελαύνεις<sup>34</sup>  
 395 θάρσος ἄητον ἔχουσα,<sup>35</sup> μέγας δέ σε θυμὸς  
 ἀνῆκεν,<sup>36</sup>

E eis lá muito não ficam de fora! Aí, Ares fura-guarda  
 empeçou, d'início rusgou contra Atena e,  
 lança em bronze à mão, acintosa fala frechou:  
 Qual quê, cangalhinha, de novo antojas deuses em rixa,  
 no qu'exasas quente audácia, baita gana tapluma!

29 Imperfeito épico (jônico e ático) de ἄρχω, “começar”. Utilizamos, na tradução, um vocábulo gaúcho: “empeçar” (NUNES; NUNES, 1982, p. 158).

30 Aoristo épico sem aumento de ἐπορούω, “insurgir-se, lançar-se contra alguém”. Marcamos a diferença dialetal com o vocabulário rio-grandense “rusgou”, “brigar, provocar, fazer rusgas, resmungar” (NUNES; NUNES, 1982, p. 439).

31 Aoristo (voz média) épico de φημί, “dizer”. Optamos por traduzir φημί por “frechar”, forma arcaica de “flechar”, que tem, para além do significado próprio, o sentido de “magoar com palavras, satirizar”.

32 Τίπτε = τί ποτε, “E depois? Por que então?”, pronome épico, indeclinável. Traduzido pela locução interjectiva: “qual quê”, conforme Mário de Carvalho: “Qual terras, qual quê! Eu invisto em escravos, o bem mais precioso que um homem pode ter...” (CARVALHO, 1991, p. 46). E ainda, na polêmica canção de Chico Buarque, “Com açúcar, com afeto”, interpretada por Chico Buarque e Caetano Veloso. Resgatamos com isso, mais uma vez, uma herança clássica de subalternidade feminina manifesta no trecho grego e repetida, ainda e ordinariamente, em nossa cultura. A música está disponível em: <https://youtu.be/A1tgIVGIEfU>. Acesso em: 05 dez. 2024. O vídeo é precioso: Chico Buarque é o lamentante e Caetano é o vilão que canta “Esse cara”. Ambos simulam, na interpretação da canção acusada de machista, uma leitura homoafetiva. Edição de João Paulo de Carvalho e Ronaldo Ferreira; roteiro de Luís Carlos Maciel e Roberto Talma. Isso corrobora: qualquer relação humana pode se tornar abusiva.

33 O termo se refere à mosca que ataca o cão. Em tradução cultural, optamos pela denominação do inseto que provoca a leishmaniose (doença endêmica no Brasil), a mosca-palha, que, segundo a Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (<https://bvsms.saude.gov.br/leishmaniose-2/>; <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pr/vtt-9403>), tem vários nomes, dos quais os mais comuns são: mosquito-palha, tatuquira, birigui, cangalinha, asa branca, asa dura e palhinha, escangalhado e murutinga. Obviamente, pesou aqui a sonoridade, evocativa de usos ofensivos de nomes de animais ou vocabulário relacionado (cã, a sugerir um feminino imaginário de “cão”, “galinha”, “grá-galinha”, “cangalhinha”, “cadelinha” etc).

34 ἔνελαύνω, forma ática do verbo συνελαύνω: “reunir para combater”. Na tradução, “antojar/entojar”, termo do dialeto caipira: “pôr diante dos olhos; oferecer; provocar, despertar o desejo de coisas extravagantes” (Cf. FERREIRA, 1975, p. 107; AZEVEDO; ÂNGELO, 1996, p. 77; CABRAL, 1982, p. 47; 343).

35 Partípicio aoristo épico (ático, jônico, dórico e eólico) de ἔχω, “ter, carregar, levar”; tradução: “exalar”, conforme Guimarães Rosa: “Mulheres sagazes! Até mesmo que, nas horas vagas, no lambazar, as duas viviam amigadas, uma com a outra — se soube. O que, quando eu já ia saindo, acharam de me dizer? Isto: — ‘Mas, você já vai, mesmo, nego? Visita-de-médico?...’ Como não pude sofrer meu rir. Reuni meus outros meus homens. Abalei de lá. Bem que eu sentia — eu exalava uma certa inveja do Felisberto” (ROSA, *Grande Sertão Veredas*, a partir de agora citado como GSV, 2009b, p. 344)

36 Terceira pessoa do aoristo homérico (jônico) sem aumento de ἀνίμηι, “lançar para o alto, impelir incitar”. Opção de tradução: “aprumar”, com lambdaclismo, “apluma”; cf. FIGUEIREDO, 1913, p. 161: “aplumar v. t. (e der.) O mesmo que aprumar etc.”. Adolpho Coelho (s/d, p. 127) informa: Aplumar, a-plu-már, v. a. Vid. Aprumar. (A pref. e *plumo*, forma desusada por *prumo*.)

ἢ οὐ μέμνη<sup>37</sup> ὅτε Τυδεῖδην Διομήδε' ἀνῆκας<sup>38</sup>  
οὐτάμεναι,<sup>39</sup> αὐτὴ δὲ πανόψιον<sup>40</sup> ἔγχος ἐλοῦσα<sup>41</sup>  
ιθὺς ἐμεῖ<sup>42</sup> ὥσας,<sup>43</sup> διὰ δὲ χρόα καλὸν ἔδαψας;  
τώ σ' αὐτὸν ὅτι<sup>44</sup> ἀποτισέμεν<sup>45</sup> ὅστα ἔοργας.  
400 ὡς εἰπὼν οὐτησε<sup>46</sup> κατ' αἰγίδα θυσσανόεσσαν<sup>47</sup>  
σμερδαλέην,<sup>48</sup> ἦν οὐδὲ Διὸς δάμνησι κεραυνός:

Tarde não t'alembres qu'o Diomedes Tidida, pra me  
tundar, aprumaste e, toda exibida, garrada na lança,  
pra riba mi atoraste, e a pele louçã me abocaste!  
Fio que, desta vez, vais quitar o quanto fizeste.  
Disse assim, e fundo tundou a fimbrada égide  
medusina, a que nem mes' o raio de Zeus danifica!

37 μέμνη por μέμνησαι de μιμνήσκω: “recordar, lembrar, meter no espírito, pensar em algo”. Tradução: “lembra” com prótese: “alembrar” (NASCENTES, 1953 p. 60). No contexto, cremos, não se trata de uma proposta passiva, mas sim de uma exortação, quase uma ameaça de Atena.

38 Aqui segunda pessoa do aoristo do verbo ἀνίημι sem marca dialetal, tradução: “aprumar”.

39 Infinitivo épico de οὐτάω, “ferir, magoar, machucar”; tradução: “tundar” (latinismo) de “tundere” (cf. NASCENTES, 1955, p. 512).

40 PALEY, 1884, p. 339, informa: “πανόψιον, ‘in the sight of all’, a strange epithet founds only here. Schol. Ven. οἰονεὶ πανόρατον καὶ λαμπτὸν καὶ ἐπιφανές.” [πανόψιον, ‘à vista de todos’, um epíteto estranho registrado apenas aqui. Escoliasta do manuscrito *Venetus*: assim, visível para todos, luminosa]; no mesmo caminho segue Walter Leaf (1902, p. 412): “a strange word, apparently meaning visible to all, as opposed to the goddess who was invisible” [palavra estranha, aparentemente significando ‘visível para todos’, como o oposto de uma deusa que se supõe invisível]. Richardson (2000, p. 88) confirma que πανόψιον “occurs only here and in Nonnus (D. 14.169). Apparently, it means ‘fully visible’, in contrast to Athene who was invisible at 5.844-5” [ocorre apenas aqui e em Nono (D.14.169)]. Aparentemente significa ‘plenamente visível’, em contraste com a Atena invisível do canto 5, v. 844-5”. A tradução escolhida foi “toda exibida”.

41 Partípicio aoristo épico (dórico, jônico e ático) de αἴρεω, “pegar, agarrar, prender com a mão”; nossa opção: “agarrar” com aférese, “garrada”.

42 Genitivo épico (jônico) de ἐγώ, pronome de primeira pessoa, o qual traduzimos por “mi”, forma oblíqua (e arcaica) de “eu”. (MOREIRA, 2005, p. 429)

43 Aoristo épico (jônico) de ὠθέω, “lançar-se contra”; opção do dialeto caipira “atorar” (AMARAL, 1920, p. 84).

44 Presente épico de οἴομαι, “crer, supor, pensar”; tradução: “fiar”, com aférese, de “confiar” (AZEVEDO; ÂNGELO, 1996, p. 84); arcaísmo português de \*fidare > fidere (MACHADO FILHO, 2014, p. 231; SILVA, 2007, p. 132) e conforme Guimarães Rosa: “Diadorim, quando cuidava que sozinho estivesse, cantarolava, fio que com boa voz. Mas, próximo da gente, nunca que ele queria” (ROSA, GSV, 2009b. p. 159).

45 Futuro épico de ἀποτίνω, “pagar, reparar”; tradução: “quitar”, do francês, segundo Ferreira (1975, p. 1177) e do castelhano segundo Figueiredo (1913, p. 1688): “quitar v. t. Tornar quite; desobrigar. Evitar; impedir. Tirar. Perder. Deixar. Divorciar-se de. \* V. i. Ser dispensado de fazer alguma coisa. Não ter necessidade de praticar um acto: você quita de me maçar. (Cast. quitar)”.

46 De acordo com Monro (1929, p. 381), οὐτησε = “struck a blow (not necessarily inflicting a wound)” [golpear (não, necessariamente, ferir)]. Opção tradutoria: “tundar”, deverbal latino.

47 Arcaísmo lexical de θυσσανόεσσαν, acusativo épico de θυσσανόεις, “borleado, franjado, fimbriado, fimbriado”. Escolhemos, naturalmente, o arcaísmo português “fimbrado”.

48 Acusativo épico de σμερδαλέος, “terrível de ver”; tradução: “medusina”, relativo à Medusa; do Infopédia: “que petrifica ou imobiliza, em razão do espanto ou do medo que inspira”; os dicionários de Francisco Fernandes, Aurélio e Houaiss não registram o termo, segue-se, portanto, uma formação lusa.

τῇ μιν<sup>49</sup> Ἀρης οὕτησε μιαιφόνος ἔγχεῖ μακρῷ.  
 ἦ δ' ἀναχασσαμένη<sup>50</sup> λιθον εὗλετο χειρὶ παχείῃ<sup>51</sup>  
 κείμενον ἐν πεδίῳ μέλανα τρηχύν<sup>53</sup> τε μέγαν τε,  
 405 τόν ρ' ἄνδρες πρότεροι θέσαν<sup>54</sup> ἔμμεναι οὗρον  
 ἀρούρης.  
 τῷ βάλε<sup>57</sup> θοῦρον Ἀρηα κατ' αὐχένα, λῦσε<sup>58</sup> δὲ γνῖα. Ares fatal, coa lança enorme nela, tundou aquela.  
 E ela se vai de-fasto e coa mão em garra,<sup>52</sup> ergue  
 do escuro chão, lajedo dormente, tôscu e pesado,  
 de *bôes-de-lote*<sup>55</sup> que homens avitos *jeitavam de pôr!*<sup>56</sup>  
 ἄρούρης. Apedrou co' este a goela do bruto Ares; iscorjou tendões.

49 Pronome épico de terceira pessoa. Marcamos a variante dialetal traduzindo-o com o arcaísmo português “aquelha” (FIGUEIREDO, 1913, p. 171).

50 Partípicio aoristo épico (ático e jônico) de ἀναχάζω, “retroceder”; traduzido conforme Guimarães Rosa: “Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, ninguém não me faz virar e nem andar de-fasto!” (ROSA, 2009a, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, p. 260) ou “Diadorim encolheu o braço, com o punhal, se defastou e deitou de corpo, outra vez. Os olhos dele dansar produziam, de estar brilhando. E ele devia de estar mordendo o correia de couro” (ROSA, 2009b, *GSV*, p. 128).

51 Os versos constituem fórmulas repetidas no canto 7, v. 264-265. A forma παχείῃ é um dativo épico (ático e jônico) de παχύς a qual estamos traduzindo pela fórmula rosiana “mão em garra”.

52 Tradução inspirada em Guimarães Rosa: “mão em garra” (ROSA, 2009b, *Estas estórias*, p. 737).

53 τρηχύς, forma épica (jônica) de τραχύς. Opção de tradução: “tosco/toscu” = “rude, inacabado”, recuperando, em parte, a antiga forma do latim vulgar: “tuscu”. De acordo com Antenor Nascentes (1966, p. 499-500); A. Coelho (s/d) indica que no *Dicionário* derivou o termo do espanhol, *toso*, de origem incerta. Nascentes afirma igualmente que Cortesão derivou do lat. *tuscu*, etrusco, e que M. Lübke, *REW*, 9013, deriva de um lat. \**tuscu*, áspero, rude, mas exclui quanto ao sentido *tuscu*, etrusco. Nossa opção final levou em conta que, em “tosco”, com ocorre na fala, “[o] /o/ final sóia /u/: Pernambúcu, fêchádu, báxu, São Paulu, Riu de Janêru. É a pronúncia geral” (MARRQUIM, 1934, p. 43).

54 Aoristo épico (jônico) sem aumento de τίθημι, “colocar, fixar”; tradução “ajeitar” com aférese, “jeitar”.

55 “Bôes” vem do português arcaico, uma tradução do inglês, *bound*, significa: marca, baliza, limite, marco. (Cf. FIGUEIREDO, 1913, p. 290, e *AULETE DIGITAL*). Intentamos traduzir com o termo o acusativo jônico de οὗρον, forma épica de ὄρον. Todo o verso tem estilo arcaizante. A expressão escolhida, “bôes-de-lote = cercas-de-terreno”, pretende manter a arcaicidade do evento e do verso.

56 A expressão pretende traduzir outra, θέσαν ἔμμεναι, epexegética (apositiva), ou seja, o infinitivo épico ἔμμεναι (forma épica de εἶναι) explica o verbo anterior. Cf. SIDGWICK, 1880, p. 59. Estilo redundante, daí a tradução “jeitavam de pôr”.

57 Aoristo homérico (jônico) sem aumento de βάλλω, “lançar, arremessar”; tradução: “apedrar”, forma arcaica de “apedrejar” (MOREIRA, 2005, p. 111).

58 Aoristo homérico, sem aumento de λύω: λῦσε por ἔλυσε, “bambear, afrouxar”; traduzimos pelo metaplasmo “iscorjar”, de “escorjar” = “dar posição forçada a; constranger. Torcer” (FIGUEIREDO, 1913, p. 781; NASCENTES, 1953, p. 32-33; FERREIRA, 1975, p. 555).

έπτὰ δ' ἐπέσχε πέλεθρα<sup>59</sup> πεσών, ἐκόνισε δὲ χαίτας<sup>60</sup>, τεύχεα<sup>61</sup> τ' ἀμφαράβησε· γέλασσε δὲ Παλλὰς Ἀθήνη, καὶ οἱ ἐπευχομένη ἔπεια πτερόεντα προσηρύδα·

410 “νηπύτι·<sup>62</sup> οὐδέ νῦ πώ περ ἐπεφράσω ὅσσον ἀρείων

εῦχοι· ἐγὸν ἔμεναι, ὅτι μοι μένος ἰσοφαρίζεις. οὐτῷ κεν<sup>63</sup> τῆς<sup>64</sup> μητρὸς ἐρινύας ἐξαποτίνοις, ἦ τοι χωωμένη<sup>65</sup> κακὰ μήδεται οὕνεκ’ Ἀχαιοὺς

No desabe, forrou chão de sete leiras, empoou crinal, ribombou arsenal! Aí foi que gargalhou Palas Atena, e pr' ele, sobrealtada, vozeia voante fala:

“Piá inhenho! Não percebes que, mais belona sendo,

gloriar-me posso? E, aí, ousas medir ira comigo?  
Ó qu' assi saturas as cadelas da mamãe, que,  
azoinada, confita males pra ti; tu qu' os aqueus

59 Forma poética de πλέθρα; Felton (1858, p. 567) instrui: “O pletro é propriamente o que se pode lavrar com uma junta de bois no período de um dia. De acordo com o *Escoliasta*, o πέλεθρον tinha cerca de cem pés” (cerca de 30 metros). [The plethron is properly what can be ploughed with one yoke of oxen in a day. According to the *Scholiast*, the πέλεθρον was about one hundred feet]. Opção de tradução para marcar a diferença poética: “leira” em lugar de “eira”.

60 Χαῖτη/α é um acusativo plural; “cabelos esvoaçantes, crinas de cavalo que se colocam como enfeite no capacete”. O termo mais usual seria “crineira”, mas escolhemos uma forma arcaizante, mais próxima do estilo dos versos em foco: “crinal”. Estamos num contexto hiperbólico e arcaizante. Faesi (1858, p. 307) comenta em relação à queda de Ares: “Ainda que os deuses homéricos não sejam habitualmente considerados gigantescos, esta hipérbole para marcar o tamanho do Ares caído é fácil de compreender, pois a queda alonga a figura para os olhos. Cf. *Od.* 11, v. 577 ὁ δ' (Τίτιος) ἐπ' ἐννέα κεῖτο πέλεθρα [mas o Tílio jazia por nove leiras].” [Obgleich sonst die homerischen Götter nicht gigantisch gedacht werden, so ist diese Hyperbel von der Grösse des gefallenen Ares doch Leicht zu begreifen; denn der Fall verlängert die Gestalt für das Auge. Vgl. *Od.* λ, 577 ὁ δ' (Τίτιος) ἐπ' ἐννέα κεῖτο πέλεθρα].

61 Nominativo plural épico (jônico) de τεῦχος, “arma”; optamos por traduzir o termo com um coletivo, “arsenal”.

62 νηπύτιος = νήπιος. No contexto, segundo Cunliffe (2012, p. 279): “Childish, foolish, senseless.” [Infantil, tolo, sem sentido (em referência ao discurso)]. Opção de tradução: “piá”, termo gaúcho, provavelmente advindo do tupi, “menino”, cf. TIBIRIÇÁ, 1984, p. 156; “inhenho” (do latim, *ingenuus*, “ingênuo”). Aliás, no trecho (v. 410-415), o poeta faz uso de formas épicas (ἔμεναι = infinitivo épico, v. 405; ἐπευχομένη = particípio ático e jônico, v. 409; ὑπερφιάλοισιν = dativo cônico e jônico, v. 414, etc.).

63 Partícula modal épica (= ὅν) indica eventualidade. Tradução: “ó qu' assi”.

64 Ares quebrou a palavra dada a Hera e Atena conforme a qual defenderia os aqueus e combateria os troianos. Cf. *Il.* canto 5, v. 832. Chantraine, sobre o passo, comenta: “Perguntamo-nos se o artigo não teria por vezes um sentido possessivo. Contudo, parece que, na maioria das vezes, com um termo de parentesco, ele tem valor mais enfático do que possessivo: ‘sofrerias a maldição da tua própria mãe’ [On s'est demandé si l'article ne comporte pas parfois un sens possessif. Mais le plus souvent, avec un terme de parenté, il présente une valeur emphatique plutôt que possessive : ‘tu subirais la malédiction de ta propre mère’] CHANTRAINE, 1953, p. 164. Para a ironia que alude Chantraine, ocorreu-nos dar um efeito zombeteiro na fala utilizando a linguagem hipocórica no substantivo “mãe”; segundo Nascentes, “em seu sentido etimológico, hipocórico quer dizer afagador e liga-se ao verbo grego *hypokorizo*, falar de modo infantil, divertir uma criança falando-lhe a linguagem, acariciando-a” (NASCENTES, 1935, p. 24).

65 Particípio épico (ático e jônico) de χώωμαι, “irritar”; utilizamos um termo do dialeto amazônico: “azoinar - v. 1. Importunar. Aturdir. Aperrear. Perturbar, 2. Aborrecer=se, zangar-se” (JACOB, 2021, p. 29).

κάλλιπες<sup>66</sup>, αὐτὰρ<sup>67</sup> Τρωσὶν ὑπερφιάλοισιν<sup>68</sup> ἄμυνεις.” descudas, mais os troianos descabidos escudas”.  
415 ως ἄρα φωνήσασα<sup>69</sup> πάλιν τρέπεν<sup>70</sup> ὅσσε φαεινό· Pois avozeou assí e amb'óios estelantes repiscou!

66 Aoristo homérico sem aumento e com apócope de καταλιπάνω = καταλείπω, “abandonar, deixar para trás”. Tradução: “descudar”, português arcaico (MOREIRA, 2005, p. 274).

67 Partícula épica (= ἀτάρ) indica oposição. Tradução como no uso caipira: “Já dissemos algo sobre o som de -s- no final dos vocábs. (...). Vamos resumir agora tudo o que se dá com esse som em tal situação. a) Nos vocábulos átonos, conserva-se: *os*, *as*, *nos* (contracção e pronome), *nas*. Aliás, há pronunciada tendência para tornar tônicos esses vocábulos, pela ditongação: *ois*, *ais*, etc. A conjunção *mas* tornou-se *mais*” (AMARAL, 1920, p. 51).

68 Dativo épico (jônico e cônico) de ὑπερφίαλος, “soberbo”; tradução: “descabido”, como no falar geral brasileiro “descabido” > “E. O /e/ átono pretônico, em regra, soa como /i/. É pronúncia geral. Falam assim as classes cultas e as incultas. Ríjume (pop.), pidir (r), piqueno, sinhô (r), melhor, miô, (pop.), tisôra, imbolá(r), Jiróime e Jiróimo (pop.) por Jerônimo” (MARROQUIM, 1934, p. 47).

69 Aoristo épico (átilo e jônico) de φωνέω, “dizer, pronunciar-se”; tradução: “avozear”, do português arcaico “acclarar em altas vozes” (FIGUEIREDO, 1913, p. 232).

70 Imperfeito homérico (jônico) de τρέπω que na voz ativa pode abarcar vários significados: “virar (em uma direção); mudar; virar as costas; virar-se; fugir; desviar. Optamos, em se tratando de olhos, pelo verbo “repiscar”, deste modo valorizamos um traço teriomórfico recorrente em relação a Atena: “olhos de coruja”. De acordo com Watson-Williams (1954, p. 36 e 37), Homero utiliza por 92 vezes o epíteto γλαυκῶπις para a deusa, 37 vezes na *Ilíada* e 55 na *Odisseia*. O helenista acredita que o termo é pós homérico, e sugere que “γλαυκῶπις means ‘grey-eyed’ and is applied to Athene just as Homer calls her βοῶπις: and that the subsequent association of Athene and the owl is due to a ‘back-explanation’, such as that which saddled Hermes with the legend that he slew Argos” [γλαυκῶπις significa “de olhos cinza” e é aplicado a Atena tal como Homero faz com Hera como βοῶπις: e que a associação subsequente de Atena e da coruja se deve a uma ‘explicação a posteriori’, tal como a que atribuiu a Hermes a lenda de que matou Argos.]. Em estudo um pouco mais recente, Adeline Grand-Clement (2010) aborda o adjetivo pelo traço cromático e de certa forma subestima o traço teriomórfico, mas conclui que: “[l]a couleur ‘glaucque’ apparaît ainsi comme la couleur d’Athéna par excellence: celle de ses prunelles, mais aussi celle de ses attributs – oliveira, serpente, auxquels les Athéniens ont peut-être ajouté la mer. Le mot *glaukópis* permet également d’y inclure la chouette: en effet, Athéna *glaukópis* est à la fois ‘aux yeux pers’ et ‘aux yeux de chouette’; peu importe de connaître l’étymologie exacte. Les deux interprétations, en coexistant au cours du temps, participaient de cette polysémie inhérente au nom des dieux. Les Grecs en avaient conscience et jouaient même de l’association *glaux*, *glaucos*/*glaukópis*, comme en témoigne une épigramme funéraire d’époque hellénistique, attribuée à Antípater de Sidon (...).” (GRAND-CLEMENT, 2010, p. 21) [A cor ‘glaucos/’ parece então ser a cor de Atena por excelência: a dos seus olhos, mas também a dos seus emblemas – oliveira, serpente – aos quais os atenienses terão acrescentado o mar. A palavra *glaukópis* permite também incluir a coruja: de fato, Atena *glaukópis* é simultaneamente ‘de olhos garços’ e ‘de coruja’; a etimologia exata é irrelevante. As duas interpretações, que coexistiram ao longo do tempo, faziam parte da polissemia inerente aos nomes dos deuses. Os gregos conheciam a associação *glaux*, *glaucos*/*glaukópis*, e também a utilizavam, como o demonstra um epígrama funerário helenístico atribuído a Antípater de Sídon (...)]. Deste modo, pode-se afirmar que o termo pode acumular, sem qualquer prejuízo, as duas possibilidades. O aspecto teriomórfico, julgamos, associa os dois campos em razão de a ave ter “[o]lhos grandes, presbítos, quase imóveis, de forma telescópica (ao contrário dos gaviões), resultando um campo visual muito limitado – desvantagem compensada pela extrema agilidade da cabeça que tem um circuito de 270°. Sua capacidade visual não é inferior à acústica. De noite a pupila se abre, deixando entrar toda a luz disponível; o mesmo se observa

τὸν δ' ἄγε<sup>71</sup> χειρὸς ἔλοῦσα<sup>72</sup> Διὸς θυγάτηρ Ἀφροδίτη πυκνὰ μάλα στενάχοντα· μόγις δ' ἐσαγείρετο<sup>73</sup> θυμόν. τὴν δ' ὡς οὖν ἐνόησε θεά<sup>74</sup> λευκώλενος Ἡρη,<sup>75</sup> αὐτίκ' Ἀθηναίην<sup>76</sup> ἔπεια<sup>77</sup> πτερόεντα προσηγόδα·

420 “ὦ πόποι αἰγιόχου<sup>78</sup> Διὸς τέκος Ἀτρυτώνη καὶ δ' αὐθ' ἡ κυνάμυια<sup>80</sup> ἄγει βροτολογήον<sup>81</sup> Ἀρη<sup>82</sup>

A ele garrada a filha de Zeus, Afrodite, rasta pela mão; sobejamente gemente ia! A custo juntava respiro. Com ela, no qu' atinou a deia braço-branco Hera, sem tardança, pr' Atena, voante fala profere: “Ó só, fiota forte de Zeus lorigado, bis-bis,<sup>79</sup> de novo, c'o bulício, a cangalinha bota Ares, açoite

na morte, tanto que neste caso quase não é possível registrar a cor da íris. O contrário acontece de dia e também quando a ave está inquieta, pois a íris se fecha e a pupila diminui, reduzindo-se a um pontinho; exergam bem de dia. (...). Ao contrário do que se dá nos bacuraus, os olhos da maioria das nossas corujas não dão reflexo luminoso quando atingidos pela luz forte de uma lâmpada. Olhando com atenção, balançam a cabeça lateralmente o que deve ajustar a paralaxe. O nervosismo se manifesta num rápido descer e subir das pálpebras superiores, enquanto a coruja tranquila fecha o olho puxando lentamente a pálpebra inferior para cima, como a maioria das aves” (SICK, 1997, p. 396).

71 Imperfeito dórico e eólico de ἄγε, “conduz”, tradução: “arrastar” com aférese, (ar)rasta, conforme Amaral (1920, p. 30) > “Aférese: (a)parece, (i)magina, (ar)rependeu, (ar)ranca, (a)lambique, (al)gibêra.”

72 Particípio épico (ático, dórico, jônico) de αἴρεω, “segurar com a mão”; tradução: “agarrar”, com aférese.

73 Imperfeito eólico e dórico de εἰσαγέιπο, “reunir”; tradução, “ajuntar”, com aférese: “juntar”.

74 Nominativo ático, dórico, jônico e eólico de θεά; tradução: “deia”, forma poética de “deusa”.

75 Nominativo épico de Ἡρα, “Hera”, marca dialetal perdida na tradução.

76 Acusativo jônico de Αθηναίη, “Atena”, marca dialetal perdida na tradução.

77 Acusativo plural épico (jônico) de ἔπος, “palavra”; tradução: “fala”, segundo Amaral (1920, p. 141), “FALA(R), v. t. – Apresenta a particularidade, que é um arcaísmo, de servir como sinônimo de *dizer*: ‘Falei pra o home que não contasse cumigo’. Adolpho Coelho [A língua portugueza, s/d, p. 60] cita estes exemplos do uso antigo: “Nós nom podemos estar, que nom falemos o que vimos, e ouvimos’ (Actos dos Apóstolos). – ‘Dá aos teus a falar a tua palavra com feuza’ (*Ibid.*) – ‘Falo palavras de verdade e de mesura’ (*Ibid.*).” Nós acrescentamos ainda um comentário que serve para nosso tempo: “Algumas dessas palavras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes, estão ainda hoje em uso, o que prova ou que elas, desusadas na linguagem litteraria, permaneciam na boca do povo, que as transmittiu até uma epocha posterior, em que a linguagem litteraria de novo as adoptou, ou que alguns escriptores as foram desenterrar nos antigos escriptos e chamal-as de novo à vida” (COELHO, A língua portugueza, s/d, p. 56).

78 O termo é uma forma épica, daí optarmos por “lorigado”, um latinismo, em lugar de “couraçado” ou “que porta-escudo”, forma mais tradicional de traduzir.

79 Expressão rosiana, cf. ROSA, GSV, 2009b, p. 353. Utilizada para expressar o movimento de lábios de quem ‘reza’ sussurrando (CASTRO, 1982, p. 65).

80 Conferir nota ao verso 394: κυνάμυια.

81 Termo não marcado dialetalmente, acusativo de βροτολογός, “destruidor”; foi traduzido por “açoite-mortal”. CABRAL, 1982, p. 22.

82 Acusativo épico de Ἀρης, “Ares”, marca dialetal perdida na tradução.

δῆιον<sup>83</sup> ἐκ πολέμοιο<sup>84</sup> κατὰ κλόνον ἀλλὰ μέτελθε.” -mortal, fora da fragosa peleja! A lá, vai lá!”  
 ὥς φάτ<sup>85</sup> Ἀθηναίη<sup>86</sup> δὲ μετέσσσυτο, <sup>87</sup> χαῖρε δὲ θυμῷ,  
 καὶ δέ<sup>88</sup> ἐπιεισαμένη<sup>88</sup> πρὸς στήθεα<sup>89</sup> χειρὶ παχεῖῃ<sup>90</sup> Assuava assi e – jubila, coração! – Atena coriscou,  
 425 ἥλασε· τῆς δέ<sup>91</sup> αὐτοῦ λύτο<sup>91</sup> γούνατα καὶ φύλον  
 ἥτορ. caiu encimada reto nos peitos, mão em garra:  
 τῷ μὲν ἄρ<sup>92</sup> ἄμφοι κείντο<sup>92</sup> ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ<sup>93</sup> Juntos, ambos, em mui fecúndia terra prostraro,<sup>94</sup>  
 ἦ δέ<sup>93</sup> ἄρ<sup>94</sup> ἐπεινχομένη<sup>94</sup> ἔπεια πτερόεντ<sup>95</sup> ἀγόρευε.<sup>95</sup> ela lá, susa<sup>96</sup> e gloriada, pregoou voante fala:  
 “τοιοῦτοι νῦν πάντες ὅσοι Τρώεσσιν<sup>97</sup> ἀρωγὸι<sup>98</sup> “E d’agora seja assim com todos pró troas

83 Forma épica de δάιος, “devastador”, traduzido como “fragosa”, arcaísmo (MOREIRA, 2005, p. 339).

84 Genitivo épico de πόλεμος, “batalha”; utilizamos na tradução um termo recorrente na literatura de cordel: “peleja” (MONTEIRO, 2021, p. 200, 386 etc).

85 Imperfeito épico de φημί, “dizer, afirmar, censurar; opção de tradução: “assuar = amotinar”, arcaísmo. MOREIRA, 2005, p. 129.

86 Nominativo jônico de Ἀθηναίη, “Atena”, marca dialetal perdida na tradução.

87 Forma poética e épica, imperfeito, de μετασεύομαι, “iniciar perseguição, caçar”. A opção tradutoria foi, do mesmo modo, um termo poético, “coruscar/coriscar”, lançar seu brilho ao perseguir, cair como corisco, relâmpago.

88 Mais um termo poético, ἐπιεισαμένη, particípio aoristo médio de ἐφίημι. Tradução: “encimada”.

89 Acusativo plural épico (jônico) de στῆθος, “peito”, tradução: “peitos” com conotação de “seios”.

90 Cf. nota no verso 403.

91 Forma épica, aoristo sem aumento de λύω. Traduzido por “afrouxar”, com aférese e apócope, “frouxar” (AMARAL, 1920, p. 55)

92 Forma épica (jônica) por κεῖστο. Tradução: “prostraram”, com apócope, “prostraro” (AMARAL, 1920, p. 55).

93 Forma épica de πολυβότειρα. Buscamos recuperar o arcaísmo com a expressão “mui fecúndia”. Aliás, todo trecho, como afirmamos, é bem-marcado com formas épicas, a saber: “ὅσοι ε Τρώεσσιν” (v. 428); “Ἀργείοιστι καὶ μαχοίστο” (v. 429) etc.

94 A imagem, cremos, é erótica. Aliás, como indica Richardson em *The Iliad: a commentary* (2000, p. 90), toda a cena reflete a inimizade entre Atena, Hera e Afrodite, vigorante desde o julgamento de Páris e a eleição de Helena, oferecida ao príncipe pela deusa Afrodite; cf. cantos 5, v. 418-425, e 24, v. 23-30.

95 Termo épico (dórico e eólico) de ἀγορεύω, “falar em assembleia”, opção de tradução: “apregoar, fazer pregão”, com aférese, “pregoar”.

96 Feminino de “susão”: “do latim tardio *sursanum*, ‘que está em cima’.” Cf. *Dicionário da Porto Editora* (Infopédia), disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/susao>. Forma utilizada por Guimarães Rosa em GSV (Cf. ROSA, 2009b, p. 355).

97 Dativo épico (eólico) de Τρώς, “troiano”, na tradução, “troa”.

εῖεν, ὅτ' Ἀργείοιστ<sup>98</sup> μαχοίατο<sup>99</sup> θωρηκτῆσιν,<sup>100</sup>  
 430 ὥδε τε θαρσαλέοι καὶ τλήμονες, ὡς Ἀφροδίτη  
 ἥλθεν Ἀρη<sup>102</sup> ἐπίκουρος<sup>103</sup> ἐμῷ μένει ἀντιόωσα<sup>104</sup>  
 τώ κεν<sup>105</sup> δὴ πάλαι ἄμμες<sup>106</sup> ἐπαυσάμεθα πτολέμοιο<sup>107</sup>  
 Ἰλίου ἐκπέρσαντες ἐνκτίμενον<sup>108</sup> πτολίεθρον.”  
 ὡς φάτο,<sup>109</sup> μείδησεν δὲ θεὰ λευκώλενος Ἡρη.  
 435 αὐτὰρ Ἀπόλλωνα προσέφη κρείων ἐνοσίχθων

que com acaios de coraçado peito luitem,  
 os tais destemidos e peitudos que, como Afrodite<sup>101</sup>  
 de achega a Ares-triaga, deu de peitar minha ira!  
 Ái, fio qu' inté tínhamos cabado co'a causa *nostra*,  
 tendo já o baluarte macota de Ílion arrasado”.  
 Assi dizeu, e a deia braço-branco, Hera, sorriu.  
 Só qu' ái o chefe terra-treme pra Apolo remugiu:

98 Dativo épico (eólico e jônico) de Ἀργεῖος, “aqueu”; traduzido por “acaio”.

99 Presente do optativo épico (jônico) de μάχομαι, “combater”. Tradução: “lutar”, na forma do dialeto caipira, “luitar” (AMARAL, 1920, p. 90).

100 Dativo épico (jônico) de θωρηκτής, “encouraçado”; tradução: “coraçado” com aférese do prefixo e contração do ditongo em /ò/ (AMARAL, 1920, p. 25).

101 Guarde-se a ironia do verso: cf. TROLLOPE, 1866, p. 590.

102 Trata-se de um verso com pensamento expresso de forma sintética: ὡς Ἀφροδίτη ἥλθεν = ὡς ἡ Ἀφροδίτη ἥλθοῦσα.

103 Traduzimos o termo ἐπίκουρος, “auxiliador” com o léxico “teriaga” com metaplasmo (síncope do /e/) “triaga” (remédio caseiro de gosto amargo, mezinha) conforme ROSA, 2009b, GSV, p. 159. A variante compensa algumas outras perdidas na tradução das variações dos nomes próprios de deuses em versos antecedentes.

104 Partípicio aoristo épico de ἀντίαω, “enfrentar”; tradução: “peitar”, conforme ROSA, 2009b, GSV, p. 239: “Mesmo meu braço do ferimento, que já estava muito melhorado por si, aí tornou a doer, no injusto, em tanto que isto se passava. Drede, no retorcer do vento, apurei o ruto de nossos cavalos, os ossos de feder, só a lástima. Será que eu tivesse por dever de peitar pessoas? Ah, nos curtos momentos, eu não ia explicar a eles coisas tão divagadas, e que podiam mesmo não vir a ter fundamento nenhum”.

105 Partícula épica traduzida como “até” no dialeto caipira: “inte”, cf. AMARAL, 1920, p. 157.

106 Forma épica de ἡμεῖς, “nós”. Tradução: “nostra” (COUTINHO, 1978, p. 259). A redução do grupo “str” a “s” é de difícil explicação. Leite de Vasconcelos (apud Coutinho) assim a justifica: “Os pronomes *nosso* e *voso* são por sua origem proclíticos, isto é, átonos ou conjuntos, pois só assim se explica a mudança de *st* em *ss*; mas o seu uso tornou-se geral. (...) No leonês, castelhano e alto-aranonês está o grupo -str- representado modernamente por *ss* em *maesse* < *maestre*, *mossar* < *mostrar*. Na língua antiga, aparece *nostro* na expressão *nostro* Senhor, referida a Deus, talvez por influência eclesiástica” (COUTINHO, 1978, p. 258-259).

107 Genitivo épico de πόλεμος, “guerra”; a variante foi traduzida como “causa nostra” de “causa”, no sentido jurídico, “litígio, processo”; evocamos também o termo italiano *casa nostra*.

108 Acusativo épico de ἐνκτίμενος, “bem construído”; opção tradutória: “macota” = “Adj. Bras. Grande; bom. Apto, que sabe do seu offício. Rico: fazendeiro macota. Formoso: moça macota” (FIGUEIREDO, 1913, p. 1226); Nascentes (1966, p. 457) informa: “Macota. Do quimbundo ma'kota “os maiores”.

109 Aoristo épico de φημί, “dizer”; opção tradutória: “dizer” em conjugação hipocorística > “dizeu”.

“Φοῖβε τί ἦ δὴ νῦν<sup>110</sup> διέσταμεν;<sup>111</sup> οὐδὲ ἔοικεν ἀρξάντων ἐτέρων τὸ μὲν αἰσχιον αἴ<sup>112</sup> κ’ ἀμαχητὶ ἵομεν<sup>114</sup> Οὐλυμπον δὲ Διὸς ποτὶ<sup>115</sup> χαλκοβατεῖς δῶ.<sup>116</sup> ἄρχε: σὺ γὰρ γενεῆφι<sup>117</sup> νεώτερος· οὐ γὰρ ἔμοιγε<sup>118</sup> 440 κολόν, ἐπεὶ πρότερος γενόμην<sup>119</sup> καὶ πλειόνα οἶδα.

“Febo, por que nós dous nos alijamos? Não cai bem o protagonismo d’outros! Grá vileza, si ao laré,<sup>113</sup> vamos per Olimpo fora té a cas-pedra-bronze de Zeus. Avante! És tu o caçula da raça! Pra mim é que não cai bem, nasci primeiro e de longe sei muito.

110 Forma épica no dual do pronome de primeira pessoa, ἔγώ, que foi traduzido por “nós dous”; “doous” forma antiga (cartorial) do numeral “dois” em português (LOIOLA, 2014, p. 80; 104; 112; 116; 120).

111 Perfeito épico de δύστημι, “ficar de fora”; tradução a partir de um galicismo: “alijar”, por “aliviar”, conforme Coelho (s/d, Diccionario manual etymologico, p. 78): “Alijar, a-li-jár, v. a. terminologia náutica: Lançar carga ao mar para alliviar o navio. (...) refl. Alliviar-se o navio, lançando carga ao mar. Fig. Desembaraçar-se. Vomitar, na embriaguez. (Fr. alléger, alliviar d’ uma parte da carga; alléger é a forma fr. de alliviar; vid. esta palavra.)” e também Vieira (1871, p. 307): “Alijar-se, reflexivo. Alliviar-se, desonerasar-se, desimpedir-se, pôr-se à vontade, desembaraçar-se”.

112 αἴ, forma dórica da conjunção εἰ. Na tradução, utilizamos a forma arcaica da conjunção “se”.

113 A expressão “ao laré”, na vadiagem, serviu para traduzir o advérbio ἀμαχητὶ “sem combate, sem luta, sem peleja”.

114 Forma épica do presente do subjuntivo de εἴμι, “ir”. A perda da marcação dialetal nesta forma foi compensada na tradução com “per”, forma arcaica de “por”, para marcar o acusativo de movimento de “Οὐλυμπον”, forma épica, jônica, de Ὄλυμπος. Cf. MOREIRA, 2005, p. 466; SILVA, 2007, p. 214; MACHADO FILHO, 2014, p. 368.

115 A forma ποτὶ (épico-dórica) de πρός (ático), “para”, foi traduzida por “até”, com aférese: “té”, do galego-português, conforme MARTINS; CUNHA; CERQUEIRA, 2023, p. 17.

116 δῶ, forma dórica de δῶμα/ δῶμος: “casa, morada, lar”. O termo utilizado é português arcaico, “cas” (MOREIRA, 2005, p. 206; SILVA, 2007, p. 73).

117 Dativo épico de γενεά, “raça”; a marca dialetal foi perdida, mas compensamo-la com o léxico “caçula”, do quimbondo, “ka’zuli”. (CUNHA, 1982, p. 134; HOUAISS, 2009, p. 355; RUBIM, 1853, p. 13; RIBEIRO, 1906, p. 217 e 219: “Cassula. — Usado como composto em Angola. Ivens traz *ca-zulo*. Quanto à composição, salvo erro, encontramos os dous elementos *casula* (*iazula*, ou *qui-zula*, nú). O filho mais novo, ainda pequeno”).

118 Forma enfática do pronome ἔγώ, “eu”, no dativo. Tradução: “pra mim é que...”.

119 Aoristo homérico (jônico), sem aumento, de γίγνομαι, “vir a ser”. Na tradução, para marcar a diferença, utilizamos o verbo “nacer” com alteração do grupo /sc/: “Se simplifica-se: renacer, condescendência, acendência. É esta, aliás, a pronúncia normal, culta, do grupo /sc/. É comum ouvir pessoas que querem passar por bem-falantes, sibilarem o /s/ desse grupo, o que dá em resultado a intromissão de um /i/ na prolação: *renaicer, aicendencia*. É difícil mesmo, a pronúncia sem essa cacoépia. O velho português não grafava /sc/, mas /c/: nacer, nacença, dicípulo, conciência etc. O grupo /sc/ surgiu na escrita por influência erudita, para conservar fidelidade às formas latinas (MARROQUIM, 1934, p. 87). Intentamos iluminar certa ironia para com a personagem por parte do poeta.

νηπύτι<sup>120</sup> ώς ᄂνοον κραδίην<sup>121</sup> ᔁχες<sup>122</sup> οὐδέ νυ τὸν Inhenho! Que *coração leviano*<sup>123</sup> tens! Já não mais περ μέμνηαι<sup>124</sup> ὅσα δὴ πάθομεν<sup>125</sup> κακὰ Ἰλιον ἀμφὶ μοῦνοι νῶι<sup>127</sup> θεῶν, ὅτ’ ἀγήνορι Λαομέδοντι πάρ Διὸς ἐλθόντες θητεύσαμεν<sup>128</sup> εἰς ἐνιαυτὸν 445 μισθῷ ἐπὶ ρήτῳ· ὃ δὲ σημαίνων ἐπέτελλεν. ἦτοι ἐγὼ Τρώεσσι<sup>129</sup> πόλιν πέρι τεῖχος ἔδειμα εὐρὺ τε καὶ μάλα καλόν, ἵν’ ἄρρηκτος πόλις εἴη· Φοίβε σὺ δ’ εἰλίποδας ἔλικας βουκολέεσκες<sup>130</sup> t’alembras que’s<sup>126</sup> males marguramos por Ílion: dos deuses só dous, nós que, vindos de Zeus, pelo falaz Laomedonte, por um ano fadigamos por paga e acerto! E ele, com debuxos, feitorava. Eh, pros troianoS, a vila eu mesmo amurei, muro largo e forte, muito; que vila inabalável fosse! Lá, Febo, bois-chanfrados-cascos-cornil-cambaio tu

120 Como no verso 410: “inhenho” (do latim, *ingenuus*, ingênuo).

121 Acusativo épico de καρδία, “coração”; observe-se que se trata de um metaplasmo (hipértese) análogo ao que se faz em “perguntar/preguntar; iogurte/iorgute; lagarto/largato; vidro/vrido; prateleira/parteleira” (BAGNO, 2012, p. 328). Todavia, o fenômeno com o léxico “coração”, no português, não se dá. Recorremos à história da língua e buscamos formas antigas do termo: “coraçom/coraçõn” (medieval) e “coraçam”, quinhentista (registrada em, por exemplo, *Lustadas*, VIII, 69 conforme edição fac-símile de Camões, 1921 e o aparato crítico da mesma edição na p. 36), para marcar o estranhamento (MACHADO FILHO, 2014, p. 123; MOREIRA, 2005, p. 239; COUTINHO, 1978, p. 214).

122 Imperfeito homérico (jônico) sem aumento de ᔁχω, “ter”; variação perdida na tradução.

123 Expressão de Paulinho da Viola em “Coração leviano” (Álbum *Paulinho da Viola – 1978*).

124 Perfeito épico de μιμνήσκω, “lembra”; na tradução utilizamos o verbo “lembra” com prótese: “alembrar” conforme Amaral (1920, p. 30).

125 Aoristo homérico (jônico) de πάσχω, “sofrer”; tradução: “amargurar” com aférese.

126 Forma utilizada por Guimarães Rosa em *GSV*(ROSA, 2009b, p. 199): “E que, com nosso cansaço, em seguir, sem eu nem saber, o roteiro de Deus nas serras dos Gerais, viemos subindo até chegar de repente na Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabecaíra de vereda. Que’s borboletas! E era em maio, pousamos lá dois dias, flôr de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otaçília”. Sobre os referidos males: cf. Il. 7, v. 451-453; foram Apolo e Poséidon que construíram as muralhas de Troia.

127 Ver nota ao verso 436.

128 Aoristo homérico (jônico) de θητεύω, “servir”; opção de tradução: “fadigar/fatigar (por via erudita, do latim, fatigare)”; escolhemos “fadigar”, que, apesar de ser a forma popular, é menos usado (NASCENTES, 1955, p. 201).

129 Dativo épico (élico) de Τρώς, “troiano”, tradução: “troianos”, com o /s/ chiado característico dos cariocas, “troianoS”: “É o chiado carioca, tão característico da pronúncia do Rio de Janeiro. ‘Falava depressa, mas articulando bem as palavras e chiando todos os ss, com um sotaque carioca delicioso’ (Rodrigo de Andrade, *Velórios*, 12)” (NASCENTES, 1953, p. 52). Nascentes transcreve o /s/ chiado com /x/; o que pode confundir a verbalização (pode-se realizá-lo como /cs/). Propomos marcá-lo com um /S/ maiúsculo de acordo com o que sugere Plínio Barbosa em verbete do LBASS (2022). O linguista esclarece que, na transcrição das fricativas, a pronúncia do /s/ na coda silábica, é habitualmente representada pelo arquifonema /S/. (cf. <http://www.letras.ufmg.br/lbass/>). Adotamos a transcrição linguística como registro da marca dialetal usada por Homero.

130 Imperfeito épico (jônico) sem aumento de βουκολέω, “fazer pastar”; tradução: “arrebanhar” com aférese > “rebanhar” conforme Cabral (1982, p. 61).

“Ιδης<sup>131</sup> ἐν κνημοῖσι<sup>132</sup> πολυπτύχου ύληέσσης.<sup>133</sup> 450 ἀλλ’ ὅτε δὴ μισθοῖ<sup>134</sup> τέλος πολυγηθέες<sup>135</sup> ὥραι ἔξεφερον, τότε νῶ<sup>136</sup> βιῆσταο<sup>137</sup> μισθὸν ἄπαντα Λαομέδων ἔκπαγλος,<sup>138</sup> ἀπειλήσας<sup>139</sup> δ’ ἀπέπεμπε. σὺν μὲν ὅ γ’ ἡπεὶλησε<sup>140</sup> πόδας καὶ χεῖρας ὑπερθε

rebanhavas nas laderas do undoso e umbroso Ida. Mas, no que as horas folgazás de fim de pago se fechavam, ái, da paga toda – de dous – *deu* o ingente Laomedonte ágios de calote e, desaforento, nos enxotou. Desaforou até mes’ de pés e mãos, susá-jusá, marrá e,

131 Genitivo épico (ático e jônico) de “Ιδη”, “Ida, monte Ida”; variante dialetal perdida na tradução.

132 Dativo épico (jônico e eólico) de κνημός, “encosta de montanha”; tradução: “ladeira” com monotonização > “ladera” conforme Nascentes (1953, p. 42): “O ditongo *ei* conserva-se nos monossílabos, diante de vogais e na sílaba final: *dei, sei, lei, cheio, feio, saltei, almoçarei*, mas, diante de consoante, se reduz a *e*: *Almeida-Almeda, manteiga-mantega, beijo-bejo, queimar-quemá, reino-reno, primeiro-primero, peito-peto, Neiva-Neva, peixe-pexe*”.

133 Genitivo épico (ático, dórico, jônico e poético) de όληεις, “arborizado”, opção de tradução: “umbroso”.

134 Genitivo épico de μισθός, salário; utilizamos o termo “pago”, variante com o mesmo significado de “paga”, utilizado no verso 445, isto é, “pagamento” (CABRAL, 1982, p. 560). Convém notar, como observou João Ribeiro, que “a flexão nominal sofreu algumas diferenciações bem notadas no solo americano. Em relação ao gênero: ‘fardamento’ tomou a terminação feminina ‘fardamenta’; o inverso deu-se em gatimônho (Pernambuco), por gatiminha. E, entre o povo, são tidos e usados como masculinos os termos: ‘trama, tapa, etc. Quando a palavra é suscetível de duas flexões genéricas, como ‘lenho e lenha’, a forma feminina, por mais vulgar, é a preferida, em regra geral, na dialetação brasileira: ‘lenha, lenho; madeira, madeiro; horta, horto; ceva, cevo; saia, saio; gorra, gorro; boda, bodo; fruta, fruto’. Os masculinos são quase desconhecidos do povo” (RIBEIRO, 1906, p. 46). Mais de um século se passou, mas a reflexão do filólogo continua pertinente.

135 Nominativo épico (jônico) de πολυγηθής, “repleto de alegria”; tradução: “folgazá”, como em Machado de Assis: “As ideias [de Jorge] orçavam pelo modo de as exprimir; eram chochas por dentro, mas traziam uma cédula de gravidade pesadona, que dava vontade de ir esparecer o ouvido em coisas leves e folgazás” (ASSIS, *A mão e a luva*, 1874, p. 61).

136 Forma antiga (cartorial) do numeral “dois” em português (LOIOLA, 2014, p. 80).

137 Aoristo ático e jônico, sem aumento, de βιάω, “roubar”. Traduzido por: “deu ágios de calote”, expressão de Guimarães Rosa: “Só o do-Zabudo, saiba o senhor, parava fora da roda, sem influência nenhuma, feito um tratante. Saiba o senhor que assim ele ainda me veio, com visagens e embaraços, por amortecer a paga, pedindo ágios de calote e prazos mercantis” (ROSA, GSV, 2009b, p. 350).

138 ἔκπαγλος: este adjetivo tem sentido positivo e negativo a um só tempo, como “terrível” ou “ingente”, o que possibilita a leitura de uma fala irônica: o grande Laomedonte, o terrível Laomedonte, o ingente Laomedonte, o grande e retumbante (ingente) Laomedonte.

139 Partípicio aoristo-jônico (de uso no ático) de ἀπειλέω, “garbar-se de jactar-se, ameaçar, pro-meter”. Tradução: “desaforento”, variante dialetal do particípio “desaforado”, conforme Cabral (1982, p. 282).

140 Aoristo épico-jônico (de uso no ático) de ἀπειλέω, verbo usado no verso 452, traduzido pelo deverbal “desaforento”, e aqui traduzido como “desaforar”.

δῆσειν,<sup>141</sup> καὶ περάν<sup>142</sup> νήσων ἐπὶ τηλεδαπάων<sup>143</sup> mais, de – por longes ilhas vindicás – nos mercar!  
 455 στεῦτο<sup>144</sup> δ' ὅ γ' ἀμφοτέρων ἀπολεψέμεν οὔστα<sup>145</sup> Inda satisdeu que taiava<sup>146</sup> as oreias dos dois a bronze.<sup>147</sup>  
 χαλκῷ.

νῦν δὲ ἄψοροι<sup>148</sup> κίομεν<sup>149</sup> κεκοτήρτι θυμῷ Ái, em par, a māvazias,<sup>150</sup> de peito airado, demos  
 μισθοῦ χωόμενοι, τὸν ὑποστὰς οὐκ ἐτέλεσσε. costas pra paga jurada que não se cumpriu.

τοῦ δὴ νῦν λαοῖσι<sup>151</sup> φέρεις χάριν, οὐδὲ μεθ' ἡμέων<sup>152</sup> Eis pois: co' mercês pra banda dele vais e conosco não

141 Futuro dórico de δέω, “atar, prender”; tradução: “amarra” com aférese e apócope, conforme Nascentes (1953, p. 63 e 51) e com a forma perifrásica “ir amarrar”, com apócope em “ir” e “amarra”. Cf. também MELO, 1971, p. 57.

142 Περάν, de πέραω (transportar por mar para vender) é um infinitivo épico; na tradução, optamos pelo arcaísmo “mercar” (MOREIRA, 2005, p. 427).

143 Genitivo eólico de τηλεδαπός, “remoto, longe”; tradução “vindiça”, acrescida da redundância do adjetivo sinônimo “longe”.

144 Imperfeito homérico (forma jônica), sem aumento, de στεῦμαι, “garantir, declarar, ostentar”. Utilizamos o léxico arcaico “satisfar”, “garantir, dar fiança”.

145 Plural épico de οὐς por ὄτα, “orelha”; tradução: “orelha” com despalatização (NASCENTES, 1953, p. 71; AMARAL, 1920, p. 29).

146 Futuro épico de ἀπολέπω, “cortar”; traduzimos por “talhar” com despalatização (NASCENTES, 1953, p. 71; AMARAL, 1920, p. 29).

147 Segundo Arnold (1852, p. 571), cortar orelhas e nariz era castigo impingido a escravos.

148 Tradução deste adjetivo e κίομεν = “demos costas”.

149 Forma jônica-épica do imperfeito de κίω, “ir”. Marcamos o arcaísmo do verso no adjetivo/particípio aplicado ao termo θυμός, κεκοτήρτι = “airado”, do verbo “airar”, de duplo sentido: “ficar repleto de ar” e “irar-se”.

150 A tradução aqui privilegiou o português em expressão rosiana, “a māvazias”, isto é, de mãos vazias, sem o devido recebimento. Cf. “Ái, porque nem não tive tempo – porque imediato senti que tinha de completar o meu, assim: – ‘A ver. Mas, se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a māvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos...’ –; em tanto terminei de pensar: que meu receio era tólo: que, jagunço, pelo que é, quase que nunca pensa em reto: eles podiam achar normal que da banda de cá os inimigos presos a gente matasse, mas apreciavam também que Zé Bebelo, como contrário, tivesse deixado em vida os companheiros nossos presos. Gente airada...” (ROSA, 2009b, GSV, p. 179).

151 Dativo épico (jônico e eólico) de λαός, “povo, gente, tropa, bando”; opção de tradução: “banda” (reunião, grupo, companhia) como variante de “bando”. Evidentemente, o léxico gera um ambiente ambíguo (no sentido de “lado, bordado, corporação de músicos, faixa”), cremos, contudo que a ambiguidade aqui favorece o entendimento. Ambiguidade apreendida em Guimarães Rosa: “E a soldadesca atirava, de emboscados no mato do córrego, e na beira do cerrado, da outra banda” (ROSA, GSV, 2009, p. 46).

152 Genitivo plural épico (jônico) de ἐγώ; a tradução da variante realizou-se pela sintaxe popular comentada por Marroquim (1934, p. 171): “Não se diz ‘pediu que ele fosse’, mas, ‘pediu pra ele ir’. Em vez de ‘pediu que eu fosse’ – ‘pediu pra eu ir’. Essa sintaxe contaminou as construções em que o pronome vem preposto. Houve uma padronização bem natural, em face da simplicidade dos nominativos, junto aos demais casos, simplicidade que facilitou a analogia e encaminhou o uso para o caso reto, apesar de a

πειρᾶ ὡς κε Τρῶες ὑπερφίαλοι ἀπόλωνται  
460 πρόχνυ κακῶς σὺν παισὶ καὶ αἰδοίης<sup>153</sup>  
ἀλόχοισι.”<sup>154</sup>

τὸν δ’ αὗτε προσέειπεν<sup>155</sup> ἄναξ ἔκαρεγος Ἀπόλλων·  
“ἐννοσίγαι’ οὐκ ἀν με σάόφρονα<sup>156</sup> μυθήσαιο  
ἔμμεναι, εἰ δὴ σοὶ γε βροτῶν ἔνεκα πτολεμίξω<sup>157</sup>

batalhas, a ponto dos testaltos troas de joelhos se  
renderem malamente com filhos e puras adamásias”.

E de volta repostou assi o rei Apolo mira-longe:  
“Podias me tachar, Terra-treme, de sem sagez  
ser, fosse eu pelear contigo pelos vis mortais,

preposição atrair o pronome para o oblíquo. E surgiram, assim, construções como: ‘de eu, a eu, com nós, etc’. Terá ajudado esta sintaxe, o uso regular da preposição com o pronome de 3<sup>a</sup> pessoa ‘ele’: ‘a ele, dele, com ele’”.

153 Dativo épico (jônico) de αἰδοῖος, “respeitável, vergonhosa, pudica”; tradução: “pura”. A perda da variante dialetal compensa-se no verso 459 com o uso do adjetivo “testalto” para traduzir ὑπερφίαλος; referência de uso foi de Guimarães Rosa: “Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo” (ROSA, GSV, 2009b, p. 119); ou ainda: “O cavalo era de fiança: um aviso bastava com ele antes se falar – e a gente podia desfechar tiro, a bala passando entre as orélhas dele, que esperava, quieto, testalto, calmo, nem fitando” (ROSA, *Noites do sertão*, 2009a, p. 640; Nilce Sant’Anna Martins (2001, p. 489) acrescenta: “De cabeça erguida”. //Aglutinação de *testa* e *alto*”.

154 Dativo épico (jônico e eólico) de ἀλοχος, “companheira de cama”. O casamento, como hoje conhecemos, não era prática entre os antigos, um termo que pode ter equivalência ao modo de convivência da Grécia homérica seria “amásia” (do latim): “amante, manceba, concubina, conversada; mulher teúda e manteúda. Emprega-se hoje à má parte” (VIEIRA, 1871, p. 359). Nascentes (1966, p. 37) define-o assim: “Amásio. Do lat. *amasiu* “namorado”. Passou a significar “homem que vive na companhia de uma mulher, sem ser casado com ela”. Guimarães Rosa compõe o léxico curioso e fecundo: “adamásio” (adão/varão + amásio?). Ousamos usá-lo: “Soropita de repente se lembrando do que se contava do em tempos falecido Major Brão – um grande fazendeiro louro, ramo de estrangeiro, que fora dono de enormes. Despropósito de riquezas, terras, gado. Tão tudo de rico, que não carecia de se importar com o que dele falassem. Major Brão vivia adamásio com uma moça, muito branca, muito linda, muito dama, que não tinha vergonha nenhuma. Os dois não tinham. Pelo que saíam, sol da manhã, num cavalo só, assim o Major montado, vestido composto, mas a mulher toda nua, abraçada nele, na garupa” (ROSA, *Noites do sertão*, 2009a, p. 662-663).

155 Aoristo épico de προσεῖπον, “falar para”; tradução: “repostar” conforme Rosa (GSV, 2009b, p. 169) “– ‘Com efeito! Se era para isso, então, para que tanto requifive?’ – Zé Bebelo repostou, com toda a ligeireza”.

156 Acusativo épico de σώφρων, “sábio”, usado uma única vez na Ilíada (RICHARDSON, 2000, p. 93), o léxico é, portanto, um termo raro. Na tradução, optamos pelo vocábulo “sagez”, arcaísmo com apócope do /a/ em “sageza”.

157 Forma poética de πολεμίω, donde a tradução “pelear”. A passagem é particular, estabelece nitidamente a diferença entre paganismo e cristianismo. De acordo com Walter F. Otto (1954, p. 66), “nada define tão claramente esta atitude [manifesta na fala de Apolo] a qual apresentou aos olhos dos homens o Apolo pós-homérico como a noção de *sophrosyne*, com que começa o discurso dele nestes versos de Homero. ‘Conhece-te’, diz ele aos visitantes do seu templo em Delfos. Isso significa saber o que é o homem, e quanto grande é o intervalo que o separa da grandeza dos deuses eternos, e considerar as limitações da humanidade” [Nothing so clearly defines that attitude whose ideal the post-Homeric Apollo made present to men’s eyes as does the notion of *sophrosyne*, with which his speech Homer begins? ‘Know thyself’, he calls out to

δειλῶν, οἵ φύλλοισιν<sup>158</sup> ἐοικότες ὅλλοτε μέν τε  
465 ζαφλεγέες<sup>159</sup> τελέθουσιν<sup>160</sup> ἄρούρης<sup>161</sup> καρπὸν  
ἔδοντες,<sup>162</sup>  
ὅλλοτε δὲ φθινύθουσιν<sup>163</sup> ἀκήριοι.<sup>164</sup> ὅλλα τάχιστα  
πανώμεσθα μάχης<sup>165</sup> οἵ δ’ αὐτοὶ δηριάσθων.<sup>166</sup>  
ώς ἄρα φωνήσας<sup>167</sup> πάλιν ἐτράπετ· αἰδετο<sup>168</sup> γάρ ρα  
πατροκασιγνήτοι<sup>169</sup> μιγήμεναι<sup>170</sup> ἐν παλάμησι.<sup>171</sup>

os que, a prantas conformes, revezadas vezes,  
no que da lavra sustança sorvem, fogueteiros brolham,  
mas que, pelo aneiro, de vez derreiam. Daí, súbito,  
pausemos a luta! Qu’elos próprios se digladiem”.  
Foi assi mes que lucidou e deu de costa! Pejava-lhe aos  
tabefes, arrufar-se com parentela uterina de pai.

the visitors at his Delphian temple. This means, know what man is, and how great is the interval which separates him from the greatness of the eternal gods; consider the limitations of humanity.]

158 Dativo épico (jônico e eólico) de φύλλον, “planta, folhagem, erva”; tradução com rotacismo: “pranta” (AMARAL, 1920, p. 28; MELO, 1971, p. 97). O verso é uma nítida referência ao canto 6, verso 146.

159 Nominativo épico de ζαφλεγής, “cheio de fogo, ardente”; tradução: “fogueteiro” conforme Houaiss (2009, p. 910), “contador de vantagens”. Francisco da Silva Borba (2004, p. 631), entre os vários significados da palavra, inclui “assanhado, alegre, exuberante”.

160 Presente épico (dórico e jônico) de τελέθω, “aparecer, surgir”. Tradução: “abrolhar” com aférese (CABRAL, 1982, p. 136). Observe-se que, no verso 465, são termos épicos ζαφλεγέες (jônico), τελέθουσιν (dórico/jônico), ἄρούρης (jônico), ἔδοντες (de ἔδοι em lugar de ἔσθιο do ático); no verso 466, φθινύθουσιν (dórico/jônico) e no verso 467, πανώμεσθα, forma poética de primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo médio-passivo; tudo isso nos permite afirmar que também a fala de Apolo, toda ela, tem tom arcaizante. Daí o estranhamento buscado na tradução com termos arcaicos no português.

161 Genitivo épico (jônico) de ἄρουρα, “terra, campo, solo”. Opção tradutória: “lavra” (CABRAL, 1982, p. 467).

162 Particípio épico de ἔδω, “comer”, traduzido como “sorver”. A perda da variante foi compensada na tradução de καρπόν por “sustança” (CABRAL, 1982, p. 697).

163 Presente épico (dórico e jônico) de φθινύθω, “definhar, murchar”; tradução: “derrear” (CABRAL, 1982, p. 279).

164 “Aneiro”: adjetivo antigo que o *Dicionário Houaiss* dá como sendo de 1712. Pouco usado no cotidiano, significa “dependente do modo como o ano decorre; que produz ano sim, ano não; contingente; precário; incerto” (cf. *Infopédia*).

165 Genitivo épico (ático e jônico) de μάχη, “combate, luta”; opção tradutória: “luta” (MELO, 1971, p. 113).

166 Imperativo presente, médio passivo. Forma épica de δηριάσματι, “combater, lutar”; opção tradutória: “digladiar”, do latim, via erudita (NASCENTES, 1955, p. 245).

167 Aoristo épico (ático e jônico) de φωνέω, “falar, expressar-se, vozear”; vertemos o termo por “elucidar” com aférese (NASCENTES, 1953, p. 63; AMARAL, 1920, p. 30).

168 Imperfeito épico (sem aumento) de αἰδέοματι, “envergonhar-se, acanhar-se”, na tradução “pejar” do português medieval (SILVA, 2007, 213).

169 Genitivo épico de πατροκασιγνήτος, tradução perifrásica: “parentela uterina do pai”.

170 Infinitivo épico de μίγνυμι, “misturar-se, pegar-se com”; tradução a partir do dialeto amazonense: “arrufar-se” (JACOB, 2021, p. 25).

171 Dativo épico de παλάμη, “bofetão, tapa”. Tradução: “tabefe” (CABRAL, 1982, p. 699).

470 τὸν δὲ κασιγνήτη<sup>172</sup> μάλα νείκεσε<sup>173</sup> πότνια Αí a irmãa mui brabejou co' ele, a reínnna das feras, θηρῶν

Ἄρτεμις ἀγροτέρη,<sup>174</sup> καὶ ὄνειδειον φάτο<sup>175</sup> μῦθον<sup>176</sup> Ártemis agreste, e afrontosa fala falazou:

“φεύγεις δὴ ἐκάεργε, Ποσειδάωντι<sup>177</sup> δὲ νίκην<sup>178</sup> “Chispas, mira-longe? Eita, rendes a Posídon

πᾶσαν ἐπέτρεψας, μέλεον δέ οἱ εὐχός ἔδωκας: cabal triunfo e a ele entregas a grã vã glória!

νηπύτιε τί νυ τόξον ἔχεις ἀνεμώλιον<sup>179</sup> αὐτῶς; Inhenho, a que tens um arco sopraz de nada?

475 μή σεν<sup>180</sup> νῦν ἔτι πατρὸς ἐνὶ μεγάροισιν<sup>181</sup> D'agora, mais não to ôça, nas estanças do pai, entre ἀκούσω<sup>182</sup>

εὐχομένου, ώς τὸ πρὶν ἐν ἀθανάτοισι<sup>183</sup> θεοῖσιν,<sup>184</sup> imorredoiros deusos, delambido como antes,

ἄντα Ποσειδάωνος ἐναντίβιον πολεμίζειν.” à compita com Poseidon, oponente a porfiar”.

ώς φάτο, τὴν δ' οὐ τι προσέφη ἐκάεργος Απόλλων, Falazou assí, e co'ela Apolo mira-longe nada enticou;

172 Nominativo épico (ático e jônico) de *κασιγνήτη*, “irmã”; traduzido pelo português arcaico “irmãna” (RIBEIRO, 1906, p. 285).

173 Aoristo épico (jônico) sem aumento de *νεικέω*, “disputar, querelar”; opção, do falar amazonense, “brabejar” (JACOB, 2021, p. 36).

174 Nominativo épico (jônico) de *ἀγρότερος*, “selvagem”; opção: “agreste” (GIRÃO, 2000, p. 64).

175 Aoristo épico de *φημί*, “dizer”; vertido como “falazar”, variante de “faladar” = “falar muito” (FIGUEIREDO, 1913, p. 860).

176 As formas épicas nos versos 468 (*φωνήσας*/jônico); 468 (*πατροκασιγνήτοι*, *μιγήμεναι*, *παλάμησι*/jônico); 470 (*κασιγνήτη*/jônico, *νείκεσε*/jônico); 471 (*ἀγροτέρη*/jônico/poético) exigiram um léxico ainda mais arcaizante que culminou na forma “reínnna”, de “rainha”, do século XIII, segundo Cunha (1982, p. 672).

177 Dativo épico de *Ποσειδῶν*; optamos pela variante Posídon (PRIETO, 1995, p. 174).

178 Nominativo épico (ático e jônico) de *νίκη*, “vitória”; opção por via erudita: “triunfo”.

179 Adjetivo, “cheio de vento”, “cheio de nada”; contexto irônico. Opção de tradução: “sopraz”. Cf. ROSA 2009a, “Burrinho Pedrês”, p. 36: “Agora! O ferrão toca o chanfro e resvala para a bochecha. Por centímetros! Badú nega o corpo, descaindo de banda. Evita chifre e choque, mas mesmo o raspão já era um trompaço: mal-governou-se e quase cai, enquanto o touro afunda adiante, sopraz, num rufar de tambor”.

180 Genitivo épico do pronome *οὐ*. Tradução “to”, pronome oblíquo em sua forma contrata (“te” + “o”) ainda utilizada em Portugal.

181 Forma épica (jônica e eólica) de *μέγαρον*, “sala principal de uma moradia”, mas no nosso entender o plural amplifica o espaço, assim, este léxico foi traduzido como “estanças”. Estança: fem. Desusado. Estada. O mesmo ou melhor que estância. (Do baixo latim, *stantia*). Cf. FIGUEIREDO, 1913, p. 813: “Lugar, onde se está ou se permanece. Morada. Mansão. Recinto. Paragem. Estação”.

182 Aoristo dórico e eólico de *ἀκούω*, “escutar”, opção: “ouvir” > com redução do ditongo /ou/ conforme indica Nascentes (1953, p. 41).

183 Dativo épico (jônico e eólico) e poético de *ἀθάνατος*, tradicionalmente vertido como “imortal”. Para marcar diferença, optamos pelo termo “imorredoiro”.

184 Dativo épico (dórico e eólico). Opção de tradução: “deuso”, metaplasmo por paragoge/epítese de “deus”, dialeto mineiro (cf. expressão “ma meu deuso” em RESENDE, 2006, p. 91).

ἀλλὰ χολωσαμένη<sup>185</sup> Διὸς αἰδοίη<sup>186</sup> παράκοιτις<sup>187</sup>  
 480 νείκεσεν<sup>188</sup> ιοχέαιραν ὄνειδειος ἐπέεσσι<sup>189</sup>  
 πῶς δὲ σὺ νῦν μέμονας κύον ἀδεές ἀντί' ἐμεῖο<sup>190</sup>  
 στήσεσθαι; χαλεπή<sup>191</sup> τοι<sup>192</sup> ἐγώ μένος ἀντιφέρεσθαι  
 τοξοφόρῳ περ ἐούσῃ,<sup>193</sup> ἐπεὶ σὲ λέοντα γνναιξὶ

furibunda, porém, o pudico chamego de Zeus  
 reparou a frecheira com fraseado picante:  
 “Podes tu, agora, arderes, cadela vadia, em riste  
 cum migo? Arisca cum tigo, furor hei-de acirrar, inda  
 que sejas a frecheira que Zeus, drede, arvrou<sup>194</sup> de

185 Particípio aoristo épico (ático e jônico) de χολόω, “enfurecer-se”; opção: “furibunda” (latinismo).

186 Nominativo épico (jônico) de αἰδοῖος, “recatada”; opção arcaizante; “pudica”.

187 Parceira de coito. Traduzido por termo nordestino: “chamego” (GIRÃO, 2000, p. 142; MOTTA, 1921, p. 371).

188 Aoristo homérico (jônico) sem aumento de νεικέω, “repreender, criticar, insultar”; opção: “reparar = criticar, censurar” (CABRAL, 1982, p. 655).

189 Dativo épico de ἔπος, “palavra, frase, canto”; opção: “fraseado” conforme Guimarães Rosa: “Revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem” (ROSA, GSV, 2009b, p. 127).

190 A forma ἐμεῖο, genitivo épico do pronome de 1<sup>a</sup> pessoa ἐγώ, foi traduzida pela forma “cum migo”, que, na verdade, é uma composição pleonástica antiga formada pela preposição latina *cum* + o ablativo arcaico *migo* que, por sua vez, é uma derivação de *me + cum*.

191 Nominativo épico (jônico) de χαλεπός, “difícil, espinhoso”; tradução: “arisco” (GIRÃO, 2000, p. 74).

192 Forma dórica do pronome σύ. Na tradução, foi utilizada composição pleonástica análoga à da locução “cum migo” antes comentada.

193 Forma épica (jônica) do particípio presente de εἰμί, “ser”. Não traduzindo a marca dialetal, compensamos a falta no advérbio “adrede” (séc. XIV, de origem controversa, significa “propositamente”). Usamo-lo tal como o emprega Guimarães Rosa, em metaplasmo: “Atual, o cabra confessou: que tinha querido vir drede para traer, em empreita encobertada” (ROSA, 2009b, GSV, p. 51).

194 Por θῆκεν escolhemos uma tradução marcada com síncope, “arvorar > arvrar: arvorar = arvorar v. t. Arborizar. Erguer perpendicularmente; hastear. Desfraldar: arvorar uma bandeira. Elevar a um cargo. V. i. Fugir. (De árvore)” (FIGUEIREDO, 1913, p. 201).

Ζεὺς θῆκεν,<sup>195</sup> καὶ ἔδωκε κατακτάμεν<sup>196</sup> ἦν λεοντίνης, pra assetar quem bem fixes.  
κέθελησθα.<sup>197</sup>

485 ἦτοι βέλτερόν ἐστι κατ' οὐρεα<sup>198</sup> θῆρας Alfim; é melhor mes' por coxilhas trilhar feras  
ἐναίρειν<sup>199</sup>

ἀγροτέρας<sup>200</sup> τ' ἐλάφους ἢ κρείσσοσιν<sup>201</sup> ἵφι μάχεσθαι. agrestinas e corças que cos mais fornidos forcejar.

195 θῆκεν, aoristo épico (jônico) de *τίθημι*, “colocar, eleger”. Para marcar a diferença dialetal, utilizamos o termo “arvorar”, no sentido de atribuir cargo, função, título etc. Este uso é registrado no português desde o século XV. Esses versos estão carregados de ironia e são de tradução delicada, por conta do sentido obscuro. Seu significado pode ser clareado com os estudos da mitologia. Seguimos as interpretações de Paley e Leaf. Paley afirma que: “έπει parecer explica toξοφόρο ‘Zeus deu-te flechas para matar mulheres’, isto é, no parto. Por isso, como λοχία θεός, ela é chamada λέοντα, um objeto de pavor, feroz e terrível para as mulheres” [έπει this appears to explain toξοφόρω ‘Zeus has given you arrows to slay women,’ viz. in child-birth. Hence, as λοχία θεός, she is called λέοντα, an object of dread, fierce and formidable to women.] (PALEY, 1871, p. 332). Leaf comenta: “γυναιξὶ́ é a palavra enfática do verso: ‘mesmo que tenhas um arco, ele só te foi dado para usar contra mulheres, não contra deusas’. O masc. λέοντα é estranho, mas o fem. não ocorre em Homero (cf. canto 17, v. 184; 18, v. 318), o masc., por sua vez, pode ser tomado como gênero comum, especialmente porque parece ser uma palavra emprestada (semítica). A morte é comumente personificada sob a forma de um leão na mitologia semítica, e alguns traços disso aparecem até mesmo no simbolismo grego, do qual a presente passagem é a mais clara. Sobre Ártemis como deusa da morte, ver 7, v. 205, v. 428, etc. Diz-se de Ártemis que ela foi adorada em Ambráquia sob a forma de uma leoa”. [γυναιξὶ́ is the emphatic word, ‘even if you have a bow, it was only given you to use against women, not against goddesses.’ The masc. λέοντα is strange, but the fem. does not occur in H. (see on P 184, Σ 318), and the masc. may therefore be taken as of common gender, especially as it appears to be a borrowed (Semitic) word. Death is commonly personified under the form of a lion in Semitic mythology, and some traces of this appear even in Greek symbolism, of which the present passage is the clearest. For Artemis as a death-goddess see Z 205, 428, etc. She is said to have been worshipped in Ambrakia in the form of a lioness.] (LEAF, 1902, p. 418).

196 Infinitivo épico de *κατακτεῖν*, “matar”; tradução: “assetear = ferir, matar com seta, martirizar, injuriar” com a variante “assetar” (PINTO, 1832, sem paginação; VIEIRA, 1871, p. 601).

197 κεν (partícula épica) + ἐθέλησθα (em lugar de ἐθέλησθαι), forma épica do presente do subjuntivo de ἐθέλω, “desejar, querer, almejar”. Traduzimos o vocábulo com o verbo “fixar”: “determinar, aprazar, designar”; queremos recuperar o jogo sonoro entre o v. 484 e o 487 (cf. nota ao verso 487).

198 Nominativo plural épico (jônico) de ὄπος, “monte”. Optamos pelo vocabulário rio-grandense: coxilhas = “grandes extensões onduladas de campinas cobertas de pastagens” (NUNES; NUNES, 1982, p. 133).

199 Infinitivo épico e poético de ἐναίρω, “caçar, perseguir”. Nossa opção: “trilhar” (CABRAL, 1982, p. 731).

200 Forma poética de acusativo de ἀγρότερα, “agreste”. Na tradução, “agrestina”, por via erudita, do latim (NASCENTES, 1966, p. 21).

201 Κρείσσοσιν, comparativo ático e épico (dativo) de κρείσσων “mais forte”; tradução “mais fornido”, conforme Rosa (No Urubuquaqueá, no Pinhém, 2009a, p. 601-602): “E Lélio se apeou do cavalo Serracém, isabel ligeiro, tirou a faca, e riscou no pau-d’arco, talhando o pique dele, para todos que passassem por ali logo vissem que a arvorezinha tinha dono, sinalada e reservada; era só esperar por volta de uns tempos, e vir ali, num mês sem erre, e torar o tronco, já fornido e bom longo, e encastear o ferrão — uma vara estava feita fabricada”.

εἰ δ’ ἐθέλεις πολέμοιο<sup>202</sup> δαήμεναι,<sup>203</sup> ὅφε<sup>’</sup> ἐν<sup>204</sup> E, se lhe é fixe<sup>206</sup> por guerreia ensaiar, té ben veer εἰδῆς<sup>205</sup> o quanto plus supra sou, vem carear força comigo”.  
 ὅσσον<sup>207</sup> φερτέρη<sup>208</sup> εἴμι<sup>’</sup>, ὅτι μοι μένος ἀντιφερίζεις. o quanto plus supra sou, vem carear força comigo”.  
 ἢ ρά,<sup>209</sup> καὶ ἀμφοτέρας ἐπὶ καρπῷ χεῖρας ἔμαρπτε Dixi! E, uma e uma, p’los pulsos, as mãos jungiu só

202 Genitivo épico de πόλεμος, “guerra”; termo traduzido por “guerreia”, do *Aulete Digital*: “s. f. (Beira e Algarve) desordem entre rapazes; luta corpo a corpo”.

203 Infinitivo épico de δάω, “alcançar conhecimento, deixar-se instruir, exercitar-se”. Termo traduzido por “ensaiar”.

204 Advérbio épico, utilizamos uma expressão à moda do arcaísmo português “ben veer” na tentativa de marcar a diferença dialetal.

205 Perfeito do subjuntivo de εἰδω (forma jônica). Cf. nota ao advérbio ἐν.

206 Tentativa de gerar similaridade sonora (no português) entre “fixar”, no sentido antes comentado, e “ser fixe”, isto é, “ser do agrado, ser bom para”. A forma do substantivo é, além de um deverbal de “fixar”, parônima à do verbo na 3ª p. do sing. do pres. do subj. Traduzindo à brasileira, “se é fixe para você”. Traduzimos o jogo dialetal, no entanto, mais pelo estabelecimento de um jogo sonoro. As formas ἐθέλησθα (v. 484) e ἐθέλεις (v. 487) do verbo ἐθέλω, “desejar”, aparecem primeiramente em dialeto épico e, três versos depois, em ático neste mesmo canto 21 (MILLER, 2014, p. 146 e 177). Aliás, também o uso da pessoa verbal representa uma variante dentro da língua portuguesa. Ainda: em ambos há variações de pronúncia que dependem da região, a saber: “fixar” ou “fixe” podem ser vocalizados com “ks” ou “ch”.

207 Forma épica do pronome relativo ὅσος, “quão”. Utilizamos a expressão rosiana “o quanto plus” como em: “Só, por lá, além dos bois, as árvores da beira e o roxo ruído do ribeirão, ter-se-ia, *o quanto plus*, o pio embusteiro de algum bem-te-vi bem alto, e o calor mortal, sitiando a minimidade das sombras. O vaqueiro-mestre, testemunha humana, chamava-se aliás Agapito” (ROSA, 2009b, “A estória do homem do pinguelo”, p. 792, grifos do autor).

208 Forma épica (jônica) do comparativo irregular φέρτατος, que traduzimos por “supra”, optando por dar ao verso inteiro uma tradução pela via erudita. Em Guimarães Rosa, tem-se: “O povo, um povoão supra, enchia o pátio. Paravam em frente da Casa, calados, os vultos, retardando no dia clarear” (ROSA, 2009a, “Manuelzão e Miguilim”, p. 391).

209 A expressão reúne o imperfeito (ἢ) de ἤμι, “dizer”, com a partícula ἄρα na forma enclítica (ρά). Na tradução, escolhemos a forma latina “dixi” afinal, segundo Marroquim, “[a] exigência da economia fisiológica que identificou quase numa forma única as várias pessoas de cada tempo faz empregar o mesmo processo dos verbos regulares nos que o não são, dando assim regularidade flexional aos tempos, irregulares embora pela sua formação” (MARROQUIM, 1934, p. 119). Assim se conjuga o verbo “dizer” no indicativo, segundo Marroquim, no falar nordestino: Presente – Pretérito – Imperfeito / eu digo – dixi (x = ch) – dizia / tu díi (hiato) – dixesse – dizia / ele díi – dixi – dizia / nós díi – dixemo – dizia / vós díi – dixesse – dizia / eles díi – dixéro – dizia. Segundo o filólogo, “grande número de palavras da língua arcaica vive ainda hoje em uso na língua popular do Nordeste. Transmitidas pela tradição oral, têm se conservado, resistindo à natural evolução do português. Entre outras, podemos salientar: (...) dixit (...)” (MARROQUIM, 1934, p. 139).

490 σκαιῆ<sup>210</sup> δεξιτερῆ<sup>211</sup> δ' ἄρ<sup>2</sup> ἀπ<sup>2</sup> ἀπ<sup>2</sup> ωμῶν αἴνυτο<sup>212</sup> coa canhota; coa destra sacou, dos ombros, arco τόξα,

αὐτοῖσιν<sup>213</sup> δ' ἄρ<sup>2</sup> ἔθεινε παρ<sup>2</sup> οὐδατα<sup>214</sup> μειδιόωσα<sup>215</sup> e carcás, e co'elos, a reinar, rascou as oreias da ἐντροπαλίζομένην<sup>216</sup> ταχέες<sup>217</sup> δ' ἔκπιπτον<sup>218</sup> οἴστοι. que olhizaina fugia! Digeiras setas desabam.

210 Dativo feminino épico (jônico) de σκαιός. Optamos pela forma popular “canhota”.

211 Dativo feminino épico (jônico) de δεξιτερός que, fazendo oposição ao termo “canhota”, traduzimos, via erudita, como “destra”.

212 Imperfeito épico, sem aumento de αἴνυμαι, “tirar, puxar”; tradução: “sacar = puxar para fora” (COE-LHO, *Diccionario Manual Etymologico*, s/d, p. 1075).

213 Dativo épico (jônico e cólico) de αὐτός, tradução “co’elos”.

214 Acusativo épico de οὐς, “orelha”. Tradução: “oreias” com despalatização do /lh/ em /i/, um fenômeno de certo modo arcaizante, se tomarmos a vocalidade do latim por referência, *oric(u)la* por *auricula* > orelha. Coutinho afirma que “l – é comum estar geminado no meio e no fim da palavra: *ella* ou *ela*, *castello* ou *castelo*, *mall*, *tall*. A duplicação no fim visava provavelmente a distinguir o /l/ velar do alveolar; no meio, decorria da influência do latim. À maneira do castelhano, empregava-se o /l/ geminado entre vogais para indicar som palatal molhado: *vallam* = *valham*. A princípio, era este som representado por *li*: *filia* = *filha*. O “pronome lhe aparece sob a forma *li*, que ainda hoje é usada dialetalmente. O grupo *lh* é de origem provençal” (COUTINHO, 1976, p. 74). Amaral registra a forma no dialeto caipira (AMARAL, 1920, p. 177).

215 Nominativo do particípio épico de μειδιάω, “sorrir”. O termo escolhido para tradução, em lugar de “sorridente”, forma mais comum, foi – sem desprezar a polissemia deste léxico – “reinar” na acepção de “gracejar, patuscar, fazer travessura”, de que faz uso Monteiro Lobato em *A menina do narizinho arrebitado (Reinações de Narizinho)*: “Sinhá não imagina que menina reinadeira é essa! Arranjou jeito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que o peixe tá aí...” (LOBATO, 1920, p. 3); ou a acepção sugerida por Guimarães Rosa em *GSV*, ir à pândega: “E eu tinha falado meu não, era mais somente porque não se pode falhar na regra: de só se pandegar com sentinela posta. Eu era o chefe. O Felisberto era sentinela. Aquela casa de lugar – as delícias que estavam – eu melhores neste mundo não achasse, pensei. Eu quisesse reinar lá, pelos meus prazeres. O senhor sabe: eu chefe, o outro sentinela” (ROSA, *GSV*, 2009b, p. 343) e, ainda, “dominar”: “O senhor supute: lado a lado, somando, derramavam de ser os trezentos e tantos — reinando ao estral de ser jagunços... Teria restado mais algum trabuco simples, nos Gerais? Não tinha” (ROSA, *GSV*, 2009b, p. 384).

216 Particípio médio-passivo épico (jônico e ático) de ἐντροπαλίζομαι. Termo de difícil tradução, significa “olhar para trás enquanto foge”. A solução encontrada em um termo do português antigo, “olhizaina = que olha travessado; que olha de través” (VIEIRA, 1873, p. 544); Adolpho Coelho (*Diccionario Manual Etymologico*, s/d, p. 912) registra “que olha travessado ou de revés, zanaga (olho e zaino)”; “zaino = cavalo escuro sem mescla; homem dissimulado, velhaco, encoberto” (CÂMARA, 1848, p. 249).

217 Nominativo masculino épico (jônico) de ταχύς, “rápido”. Na tradução, “ligeiro” na variante “digeiro” (MARROQUIM, 1934, p. 29).

218 Imperfeito homérico (jônico), sem aumento, do verbo ἔκπιπτω, “despencar, cair de”; tradução: “desabar” (CABRAL, 1982, p. 280).

δακρυόεσσα δ' ὑπαιθα θεὰ φύγεν<sup>219</sup> ὡς τε πέλεια,<sup>220</sup>  
 ἦ ρά θ' ὑπ' ἥρηκος<sup>221</sup> κοιλην<sup>222</sup> εἰσέπτατο πέτρην  
 495 χηραμόν<sup>223</sup> οὐδ' ἄρα τῇ γε ἀλόμεναι<sup>224</sup> αἴσιμον  
 ἦνεν<sup>225</sup>

ὡς ἦ δακρυόεσσα φύγεν, λίπε δ' αὐτόθι τόξα.  
 Λητώ δὲ προσέειπε<sup>226</sup> διάκτορος ἀργεῖφόντης<sup>227</sup>

A lacrimosa diva avexada ia feito rebaçá qu'azula  
 sob o voo da acauá e, numa loca, greta de lapa,  
 s'enfurna! A demarcada sina dela predar não terria.

Assi, a lacrimos' azulou e, lá mes', o arco largo.  
 Nisso, o ordenança brillantino proseou com Leto:

219 Aoristo do indicativo ativo, forma homérica (jônica), sem aumento φεύγω, “fugir”, que traduzimos por um léxico do vocabulário cearense, “azular”.

220 Há uma sutileza no símile proposto com o designativo πέλεια (*Zenaida auriculata*). O vocábulo é usado para nomear a pomba-selvagem por oposição à doméstica (*περιστερά*). Há ironia no uso da palavra neste verso, pois Ártemis, deusa silvícola, está em situação de humilhação. Por conseguinte, sendo feroz, comporta-se como animal doméstico. Liddell Scott informa que a πέλεια é distinta da περιστερά, mas que é comum usar uma pela outra (LIDDELL; SCOTT, 2003, p. 3053). No entanto, não há registro de ocorrência de περιστερά nos léxicos homéricos. Entretanto, para marcar a diferença, optamos pelo termo “rebaçá”, “pomba campeste” também chamada de “avoante” no léxico nordestino (GIRÃO, 2000, p. 82).

221 Genitivo épico (jônico) de ίεραξ, nome de ave da classe dos falconídeos. Escolhemos, para tradução, o falconídeo da espécie *cachinnans* – do latim, *cachinō*, “gargalhar”; em grego, κοχάζω – com onomástica brasileira, “acaúá”, “macauá”, “gavião-coveiro” etc. Recordemos que Hera, ao atacar Ártemis, está sempre sorridente.

222 Acusativo épico (ático e jônico) de κοῦλος, “buraco”, termo traduzido por “greta”.

223 Segundo Paley, χηραμόν (*loca*) é uma palavra alexandrina. O termo não se repete em Homero. (PALEY, 1871, p. 333). Parece-nos que, em preparação, κοιλην πέτρην (greta de lapa) explica o sentido de χηραμόν. Sintaticamente, optamos por colocar κοιλην πέτρην como aposto da palavra mais obscura.

224 Infinitivo épico de ἀλίσκομαι, “ser capturado”. Tradução, “predar”: observe-se que Hera faz da deusa caçadora uma caça, que, para sua própria vergonha, se esconde timidamente.

225 Imperfeito épico de εἰμί, “ser, estar, permanecer, ficar”; tradução com o uso popular do verbo “ter” (em sua forma medieval) no lugar de “haver” (SILVA, 2007, p. 269).

226 Aoristo épico de προσεῖπον, “falar para”. Traduzimos a partir de uma similaridade sonora mínima.

227 Trata-se, segundo Chantraine (1999, p. 103), de um epíteto de Hermes de significado obscuro. O helenista afirma que “[o] significado tradicional do termo é ‘matador de Argos’ para Hermes (cf. para -φόντες, -φόνος etc., e os compostos posteriores μετροφόντες etc.), e para Apolo ‘matador da serpente’, cf. ἀργῆς/ἀργᾶς. Mas essas interpretações podem ser secundárias, uma vez que Homero, como Aristarco antes observou, não parece conhecer a lenda de Argos. Muitas outras explicações foram tentadas desde a Antiguidade, juntando, por exemplo, ἀργός ‘branco’ e φαίνω (CHANTRAIN, 1999, *Mélanges Navarre*, p. 69-79) “[l]e sens traditionnel est ‘meurtrier d’Argus’ pour Hermès (cf. pour -φόντες, -φόνος, etc., et les composés postérieurs μετροφόντες, etc), et pour Apollon ‘meurtrier du serpent’, cf. ἀργῆς/ἀργᾶς. Mais ces interprétations peuvent être secondaires, Homére, comme le constate déjà Aristarque, ne semblant pas connaître la légende d’Argus. Bien d’autres explications ont été tentées dès l’antiquitéen rapprochant par exemple ἀργός “blanc” et φαίνω (CHANTRAIN, 1999, *Mélanges Navarre* 69-79).] Neste caso, optamos por uma tradução mais ou menos irreverente. Traduzimos o termo διάκτορος por “ordenança”, “um que cumpre ordens de outro”; e ἀργεῖφόντης por “brillantino” recuperando a ideia de brilho, mas associando-o, também, com a ideia de “brilhantina”, que no *Infopédia* vem assim definida: “1. pô mineral para dar brilho 2. cosmético usado para fixar o cabelo”. Afinal, Hermes é um *trickster* entre os deuses.

“Λητοὶ ἐγὼ δέ τοι οὐ τι μαχήσομαι<sup>228</sup> ἀργαλέον δέ πληκτίζεσθ<sup>229</sup> ἀλόχουσι<sup>231</sup> Διὸς νεφεληγερέταο<sup>232</sup> 500 ἀλλὰ μάλα πρόφρασσα<sup>233</sup> μετ’ ἀθανάτοισι<sup>234</sup> θεοῖσιν<sup>235</sup> εὐχεσθαι ἐμὲ νικῆσαι κρατερῆφι<sup>236</sup> βίηφιν.<sup>237</sup> ὡς ἄρ’ ἔφη, Λητώ δὲ συναίνυτο<sup>238</sup> καμπύλα<sup>239</sup> τόξα

“Leto, eh pois, eu contigo não vou lutar! Aborrido<sup>229</sup> é rinhár co’as amásias de Zeus tufanuvés! M’aura, vá, arenga, meante imorredouros deusos, gaba-te de me vencer em brabeza e tureba.” Pois falou, Leto, í, caqueia o vergado arco

228 Futuro épico (dórico e jônico) de μάχομαι; opção de tradução: “luitar”, arcaísmo preservado nos vocabulários cearense (MARROQUIM, 1934, p. 139; GIRÃO, 2000, p. 247) e caipira (AMARAL, 1920, p. 164).

229 Arcaísmo do português lusitano ainda utilizado no Rio Grande do Sul (NUNES; NUNES, 1982, p. 15).

230 Hápax homérico, segundo Richardson (2000, p. 95). Paley (1884, p. 333) supõe ser um “termo, provavelmente, emprestado das rimhas de galos. Ocorre em Aristófanes, *Assembleia de mulheres*, v. 964, mas não em qualquer outro lugar em Homero; e, dificilmente, pode ser referido ao dialeto épico arcaico” [The term is probably borrowed from the spurs of fighting-cocks. It occurs in Arist. *Eccl.* 964, but not elsewhere in Homer; and it can hardly be referred to the archaic epic dialect.]. Note-se que tanto Hera quanto Leto são esposas de Zeus.

231 Dativo plural épico (jônico e eólico) de ἄλοχος, “companheira de cama”, que traduzimos por “amásia”.

232 Genitivo épico (dórico) de νεφεληγερέτα, “agrega nuvens”, traduzido como “tufanuvés” (tufar = “encher, inchar” + “nuves”, como no português arcaico) na tentativa de provocar estranhamento dialetal.

233 Aoristo épico (jônico) sem aumento de προφράζω, “contar, falar”; tradução: “arengar = discursar, fazer intriga, discutir” (GIRÃO, 2000, p. 74).

234 Dativo épico (jônico e eólico) e poético; cf. v. 476 do mesmo canto.

235 Dativo épico (dórico e eólico), “deuso”, metaplasmo por paragoge/építese de “deus”, como em “Mais vinha muita gente boa aqui, mesmo já teve caso de dotore...” (RESENDE, 2006, p. 91-92).

236 Dativo épico jônico de κρατερός, “poder, força”. Tradução: “brabeza”, realçando a troca do /v/ pelo /b/ que remonta ao latim vulgar (COUTINHO, 1976, p. 111).

237 Dativo épico de βίᾳ, violência; optamos para marcar a diferença dialetal, o termo “tureba”, dureza, valentia, do vocabulário cearense (GIRÃO, 2000, p. 350).

238 Imperfeito épico, sem aumento, de συναίνυμα, “reunir, ajudar”, *hapax legomenon*, segundo Richardson (2000, p. 95); sua “raridade” nos levou a escolher para traduzir o vocabulário “caquear”, “procurar alguma coisa com as mãos”, do vocabulário nordestino, corruptela de “tatear” (GIRÃO, 2000, p. 130). Toda a cena da aparição de Leto é lírica e triste a um só tempo. Ela se agacha, procura e recolhe as armas de Ártemis no meio da areia e, em seguida, acompanha a filha.

239 Para Paley (1871, p. 333), “[o] építeto καμπύλα é notável, pois aplica-se apenas ao arco, embora τόξα inclua, e de fato significa aqui, as setas”. [The epithet καμπύλα is remarkable, as applicable only to the bow, though τόξα includes, and in fact here means, the arrows.]

πεπτεῶτ<sup>240</sup> ἄλλυδις ἄλλα μετὰ στροφάλιγγι κονίης<sup>241</sup> e mais as caídas, cá e lá, na polvorosa da areia.  
 ἦ μὲν τόξα λαβοῦσα πάλιν κίε<sup>242</sup> θυγατέρος ἡς· E aí, juntados arco e mais, el' afrui à filha que  
 505 ἦ δ' ἄρ' Ὄλυμπον ἵκανε<sup>243</sup> Διὸς ποτὶ<sup>244</sup> poiava Olimpo pera cas-de-pedra-bronze de Zeus;  
 χαλκοβατές δῶ,<sup>245</sup> δακρυόσεσσα δὲ πατρὸς ἐφέζετο<sup>246</sup> γούνασι<sup>247</sup> dhi, lacrimosa, às rodilhas do pai, a guria senta-se:  
 κούρη,<sup>248</sup>

240 *πεπτεῶτα*, particípio de *πίπτω*. Trollope (1866, p. 80 e 593), em comentário ao verso 312 do canto 2 da *Iliada*, afirma que “[a] formação mais provável do particípio *πεπτηώς* é a partir da forma antiga *πέτω*, ou de *πτέω* (onde *πίπτω*), da qual *πέπτηκα* era perfeito com particípio *πεπτηκός*, o qual Homero usa, igualmente, nas formas *πεπτής*, em *Od.* 13, v. 98; 14, v. 354; e *πεπτεώς*, em *Il.* 21, v. 503. [The most probable formation of the participle *πεπτηώς* is from the old form *πέτω*, or *πτέω* (whence *πίπτω*), of which the perfect was *πέπτηκα*, part. *πεπτηκός*, for which Homer again uses *πεπτηώς* in *Od.* N, v. 98; Ε, v. 354; and *πεπτεώς*, *Il.* Φ, v. 503.].

241 Monro (1897, p. 382) entende στροφάλιγγι κονίης como “o turbilhão de poeira” que “pertence às descrições de batalhas (*Il.* 16. 775) e aqui tem um efeito de deboche heróico”. [‘the whirl of dust’, belongs to descriptions of battles (*Il.* 16. 775); here it has a mock-heroic effect]; Leaf (1902, p. 419) explica que, na expressão em foco, Homero “recupera insipidamente a bela passagem de 16, v. 775, e que aqui só pode significar que ela (Ártemis) levanta a poeira ao fugir”. [is tastelessly borrowed from the fine passage ΙΙ 775. Here it can only mean that she raises the dust by running away].

242 Imperfeito homérico (jônico) sem aumento de *κίω*, forma poética de “ir”. Para marcar a diferença, utilizamos o verbo “afluir”, “ir em direção a”, com rotacismo, como marca de antiguidade linguística no português, pois o rotacismo, como também o lambdacismo (a permuta de /r/ por /l/ e vice-versa), é fato registrado nas fontes poéticas remanescentes medievais. “No medievo, *groviosa* e *miragre* eram formas amplamente empregadas nas produções escritas, assim como paravla e regla, não havendo uma desvalorização desses usos, pois somente cantigas realizadas pela corte conseguiram sobreviver até os tempos modernos. Portanto, essas palavras eram, muito provavelmente, formas utilizadas pela aristocracia, porção prestigiada da sociedade trovadoresca” (BARRETO; MASSINI-CAGLIARI, 2023, p. 44).

243 Imperfeito homérico (jônico) de *ἰκάνω*, “alcançar”, “chegar a”; utilizamos o verbo galego-português “poiar” no sentido de “medrar”, “subir” “elevar-se” (LAPA, 1965, p. 77; 1970, p. 448).

244 Forma dórica de *πρός*, “em direção a”, traduzida por “pera”, preposição “para” no vocabulário arcaico do português.

245 Cf. verso 438 deste canto.

246 Aoristo épico de *ἐφέζομαι*, “assentar-se”; traduzido com aférese por “sentar-se”.

247 Dativo épico de *γόνυ*, “joelho”, na tradução, “rodilha”, termo utilizado no Brasil por “rodela dos joelhos”, o autor dá igualmente o termo “giolho” (PINTO, 1832, p. 560; giolho; p. 944: rodilha)

248 Este é um nominativo épico de *κόρη*. A tradução buscou um vocábulo carioca, “guri”, palavra de origem tupi “ki’ri’ pequeno’. É o bagre novo. Por metáfora: ‘criança’” (NASCENTES, 1966, p. 371; 1922, p. 112; 1953, p. 197); no entanto, reforçando a antiguidade, mas mantendo os traços da autoctonia do termo no português brasileiro, traduzimos o δέ à antiga portuguesa, “dhi” (= desse lugar) forma tomada da carta de Pero Vaz Caminha (PEREIRA, 1964, p. 38).

ἀμφὶ δ’ ἄρ’ ἀμβρόσιος<sup>249</sup> ἔανδὸς<sup>250</sup> τρέμε· τὴν δὲ ἐμ ροδ’ a vaporosa veste arfa! E a ela, per ad si,<sup>252</sup> προτὶ<sup>251</sup> οἴ

εῖλε πατὴρ Κρονίδης, καὶ ἀνείρετο<sup>253</sup> ἡδὺ γελάσσας· O pai fio-de-Cronos puxa e, gentil folgazão, pregunta:

249 ἀμβρόσιος é termo que se aplica a tudo que se refere aos deuses, contudo o vocábulo é também aplicável a coisas, como nesta passagem que comentamos. Optamos por traduzi-lo com um adjetivo mais específico, menos generalizante do que “divino” ou menos opaco que “ambróseo”. Cunliffe (2012, p. 25) oferece o significado de “sweet-smelling, fragrant” (“cheiro doce, perfumado”), remetendo o termo para atributos do ar. Assim, buscamos um termo que, ao mesmo tempo, pudesse servir para atribuições e qualidades possíveis para deuses, mortais e coisas; um atributo que se adequasse também a contextos tais como: “ἀμβροσίου πέπλου” (*Il.* 5, v. 338 = peplo ambróseo); ἀμβροσίην Σιμόεις ἀνέτειλε νέμεσθαι = o Simoente fez subir ambrosia para eles [os cavalos] pastarem); “ἀμβροσίην νύκτα” (*Il.* 2, v. 57 = noite ambrósea); “ἀμβρόσιος ὑπνός” (*Il.* 2, v. 19 = sono ambróseo); “ἀμβροσίησι κάπησιν” (*Il.* 8, v. 434 = estábulos ambróseos). Nestes contextos, pareceu-nos bem a tradução “vaporoso/a, vapor”. As palavras escolhidas, no *Grande Diccionario Portuguez* (VIEIRA, 1874, p. 878), são explicadas assim: “VAPOR, s. m. (Do latim *vapor*). Espécie de fumo que se levanta dos corpos húmidos por efeito do calor. O que se exala dos corpos sólidos por via de decomposição, de combustão. Termo de alquimia. Vapor *potencial*: a essência, o esplendor, a alma do metal. Diz-se falando da atmosfera. Exalação que obscurece. Os vapores fúnebres do inferno. (...); “VAPOROSO, A, adj. (Do latim *vaporosus*, de vapor). Que contém vapor, que é de vapor. Ondas vaporosas. Particularmente: Diz-se do estado do céu quando os vapores o encobrem a meio. Céu vaporoso. Figuradamente: Um tecido vaporoso; tecido mui leve. Figuradamente: Nebuloso, incerto. Um estilo vaporoso. Que está sujeito aos vapores. Que produz vapores. Fomentação vaporosa; feita dirigindo à parte doente vapores de água quente, ou cozimentos”. Sobre a passagem, Paley comenta que a agitação de Ártemis era tão grande que o “vestido tremia” (PALEY, 1871, p. 333); Richardson (2000, p. 96), anuente com Paley, acrescenta que, no trecho, o termo δακρυόεσσα repete-se por três vezes (v. 493; 496; 506). Tyler (1886, p. 344), donde conclui que se trata de um “sinal expressivo de corporificação do medo e da agitação mental” [an expressive sign of bodily pain and mental agitation].

250 Εάνος, “veste”. Mireille Lee (2015, p. 278) indica que o termo, segundo Zofia Gansiniec, refere-se ao *chiton* de linho (HOPE, 1812, p. 148). A transparência e leveza da roupa permitiu-nos a tradução de ἀμβρόσιος por “vaporoso”. Pensamos numa espécie de organdi leve, transparente e armado, ou seja, com consistência. A imagem criada pelo poeta, cremos, é de sensibilidade extraordinária.

251 Forma poética de πρός, “em direção a”, traduzida por “per ad”.

252 Forma de dativo épico (jônico) do pronome ἐπί, “para ele/ela”; tradução se utiliza da decomposição da preposição medieval “pera” (= *per + ad* = para) + “si” (forma que assumem os pronomes de 3<sup>a</sup> pessoa quando antecedidos de preposição) devido à condição criada no verso: o poeta faz uso de um dativo à antiga em lugar do clássico πρὸς ἔαντόν (SIDGWICK, 1880, p. 64).

253 Imperfeito médio passivo épico (jônico) de ἀνέρομαι, “indagar”; tradução com metátese: “preguntar”.

τίς νύ<sup>254</sup> σε τοιάδ' ἔρεξε φίλον τέκος<sup>255</sup> Ούρανιώνων<sup>256</sup> 510 μαψιδίως, ώς εἰ τι κακὸν ρέζουσαν<sup>257</sup> ἐνωπῆ;<sup>258</sup> τὸν δ' αὗτε προσέειπεν<sup>259</sup> ἐνστέφανος<sup>260</sup> κελαδεινή;<sup>261</sup> σῆ<sup>262</sup> μ' ὄλογος στυφέλιξε<sup>263</sup> πάτερ λευκώλενος "Ηρη, ἐξ ἣς ἀθανάτοισιν<sup>264</sup> ἔρις καὶ νεῖκος ἐφῆπται."<sup>265</sup>

"Aora, flor de fia, qual dos fi' de Urano, feitou assi tão leviano, como se, depraca, coisa má feitasses?"  
E, de revés, a el' rispostou a mui frorida fanfarrā:  
"A tua'másia m'estriui, pai, Hera braço-branco;  
causa dela rixa e luta intr' imorredoiros lastrou".

254 Monro (1891, p. 320) afirma que: "The form *vu* is exclusively Epic" [a forma *vu* é exclusivamente épica]. Com a intenção de marcá-la, optamos por traduzi-la como "aora", forma portuguesa medieval do advérbio "agora" (MOREIRA, 2005, p. 110).

255 Termo grego para designação de "criança", "cria", "broto", "filhote". No verso, ele tem o significado de "filhinha"; optamos por manter a tradução "fi/fio/fia", corrente no português brasileiro e, ao que parece, por influência africana (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 248). A base da formação, como se sabe, é que o "-lh- quase sempre desaparece, substituído por i: velho > véio, abélha > abéia, orélha > oréia, filho > fio, joelho > joéio, etc." (MONTEIRO, 2021, p. 372). Neste processo, o mesmo Monteiro (2021, p. 608) afirma que "em registro ao vocabulário dos cantadores nordestinos, apresenta as seguintes possibilidades: fio, fíim, filho, fia, filhos, fia, filhim". Portanto, esta foi a formação do termo traduzido: "fia". A expressão "flor de", que já é muito conhecida para o sentido de "excelência, o melhor de...", traduziu φίλον tal como se vê em "Manuel Fulô viera ver-me, nessa mesma tarde, chamando-me de flor dos doutores e pedindo para beber cerveja p'ra eu pagar" (ROSA, 2009a, "Corpo fechado", p. 196); "Querendo eu crer um dos secretos objetivos, da ideia da vida, nosso sangue e espírito corrigirem os dos antepassados; entretanto que, estes mesmos, a haviam engendrado e produzido, à minha ora ainda inatingível Drina, flor de história" (ROSA, "Os chapéus transeuntes", 2009b, p. 740).

256 Os versos 509 e 510 são versos iguais aos 373 e 374 do canto 5; na verdade, a cena inteira recupera o episódio de Afrodite ferida (Il. 5, v. 330-371). O verso 510, segundo Hailstone (1880, p. 30), Paley (1871, p. 334), Tyler (1886, p. 344), Leaf (1902, p. 419) e Richardson (2000, p. 96), não aparece na maior parte dos manuscritos.

257 Partícpio presente épico (álico, dórico e jônico) de πέξω, "fazer". Utilizamos a forma "feitar", que, de acordo com Figueiredo (1913, p. 874), vem do vocabulário baiano: "feitar v. t. Bras. da Baía. O mesmo que fazer. (De feito)".

258 Dativo épico (álico e jônico) de ἐνωπή, "aos olhos de todos"; utilizamos um arcaísmo português "depraça" (FIGUEIREDO, 1913, p. 591; MOREIRA, 2005, p. 265).

259 Aoristo épico de προσεῖπον, "dizer a mais", "responder". A forma escolhida para tradução foi registrada por Tomé Cabral (1982, p. 658).

260 Nominativo épico (álico e jônico) de ἐνστέφανος, "coroado de flores"; "que leva grinalda"; "que se enfeita com festões, ramalhetes". Na marcação do épico, utilizamos o termo "florida" com rotacismo.

261 Nominativo épico (jônico) de κελαδεινός, "barulhenta". A opção recupera a cena de afronta da deusa ao irmão Apolo. O feminino foi construído a partir da etimologia fundada no empréstimo árabe (NASCENTES, 1955, p. 209).

262 Feminino do pronome de segunda pessoa, σός, forma épica (álico e jônico)

263 Aoristo homérico (jônico) sem aumento de στυφελίξω, "bater", "maltratar". Opção "estruir", metaplasmo (por aférese) de "destruir" (MONTEIRO, 2021, p. 112; p. 606).

264 Dativo épico (jônico e cólico) de ἀθάνατος, "imortal", traduzido por "imorredouro".

265 Perfeito épico (álico, cólico, jônico e dórico) de ἐφάπτω, "prender", "apoderar-se de", "atingir"; tradução: "alastrar" com metaplasmo (por prótese) de "lastrar" (CABRAL, 1982, p. 466).

ώς οἳ μὲν τοιαῦτα πρὸς ἀλλήλους ὥγόρευον.<sup>266</sup>

515 αὐτὰρ<sup>267</sup> Απόλλων Φοῖβος ἐδύσετο<sup>268</sup> Ἰλιον  
ιρήν.<sup>269</sup>

μέμβλετο<sup>270</sup> γάρ οἱ τεῖχος ἐϋδμήτου<sup>271</sup> πόληος<sup>272</sup>  
μὴ Δαναοὶ πέρσειαν ὑπὲρ μόρον ἥματι κείνῳ.<sup>273</sup>  
οἱ δ' ἄλλοι πρὸς Ὀλυμπὸν ἵσαν θεοὶ αἰὲν ἐόντες,  
οἱ μὲν χωδύμενοι, οἱ δὲ μέγα κυδιόωντες.

520 καὸς δ' Ἰζον παρὰ πατρὶ κελαινεψε

Assi, um pro outro, eis coisas tais alanzoavam!

Porém mais além, rumo da santa Ílion, Febo Apolo  
iρήν.<sup>269</sup>

se ponhava! Atento co' a praça forte da vila: não  
a tomassem os dânaos, supra moira, aquelo dia.  
Ma'os otros, deuses perenais, seguyam pro Olimpo,  
Uns de lá zangados, uns cá mui zumbaiados!  
E a rés do pé do anuviado pai, apeam!

Fim da Porfiada Divina, *Ilíada*, XXI, vv. 383-520

266 Imperfeito ativo dórico e cólico de ἀγορέυω, “falar, publicar, narrar”; traduzido por “alanzoar”, isto é, “questionar em voz alta; falar à tona” (FIGUEIREDO, 1913, p. 68).

267 Forma épica da partícula ἀτάρ, marcamos a diferença dialetal pela sintaxe redundante. Cf. Guimarães Rosa (GSV, 2009b, p. 315): “Porém mais além”.

268 Aoristo épico de δύω, “mergulhar, penetrar, declinar (astro)”; optamos pela forma “se ponhar”, metaplasmo de “pôr-se” (GIRÃO, 2000, p. 301).

269 Acusativo épico (jônico) poético de ἴερος, “sagrado”, traduzido por “santo”.

270 Mais que perfeito épico passivo sem aumento de μέλω, “estar ansioso, inquieto, preocupado”. Opção: “atento” de “atentar”, “Forma popular protética de tentar” (NASCENTES, 1966, p. 72); “ATENTA(R), v. t. — tentar; apoquentar, irritar: ‘Não me atente mais, Nhô, que eu tô no fim da paciença!’” (V. S.). ‘Num brinque cum revorse; ói que o diabo atenta!’ Esta última acepção se encontra também em Port., e até em frases muito semelhantes à citada. J. Moreira colheu em Armamar um trecho de romance onde há estes dois versos: ‘Puxei pela minha faca. O diabo me atentou’” (AMARAL, 1920, p. 83).

271 Genitivo épico de εὐδόμητος, “bem construído”. A ênfase dada ao muro de proteção foi transferida na tradução para a cidade como um todo na utilização da expressão “praça forte”, que, segundo Nascentes, “é povoação cercada de muralhas e baluartes, contendo, além da guarnição, população mais ou menos numerosa” (NASCENTES, 2018, p. 267).

272 Genitivo épico (dórico e jônico) de πόλις, “cidade, região em torno da cidade”, “reunião de cidadãos”; opção aqui, “vila”. O léxico “vila” remete para uma povoação inferior à cidade, contudo, é inegável que as cidades antigas, e entre elas Troia, estão longe das nossas metrópoles. Neste caso, parece-nos razoável a tradução, aliás, “[a]lgumas vezes a palavra permaneceu na língua culta, mas modificou o sentido. O povo ainda a emprega, entretanto, com a mesma significação do século XVI” (MARROQUIM, 1934, p. 140-141), ou seja, vila = povoado = cidade.

273 Dativo poético de ἐκεῖνος, “aquele”; para marcar a diferença, utilizamos do pronome demonstrativo neutro arcaico “aquele” (COUTINHO, 1976, p. 258).

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. *Dialecto Caipira*. São Paulo: Casa Editora “O livro”, 1920.
- AZEVEDO, Téo; ÂNGELO, Assis. *Dicionário Catrumano: pequeno glossário de locuções regionais*. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1996.
- ANTUNES, Carolina. “Traços arcaicos do dialeto rural do vale do Jequetinhonha”. *Scripta* vol. 8, n. 16, 2005, p. 176-183.
- ANTUNES, Carolina. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ASSIS, Joaquim Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Gomes de Oliveira & Cia, 1874.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKKER, Egbert J. “The Study of Homeric Discourse”. In: MORRIS, Ian; POWELL, Barry (Eds.). *A New Companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997. p. 284-304. (Mnemosyne Supplements 163)
- BARBOSA, T. V. R. “Auscultar Rosa e ouvir Homero”. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. 32 n. 1, 2019, p. 217-234. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/841>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BARBOSA, T. V. R. “Auscultar Rosa, ouvir os clássicos”. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. 32 n. 2, 2019, p. 369-379. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/857>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BARBOSA, T. V. R. “Metaplasmos: orientações para a tradução de Homero a partir da práxis de João Guimarães Rosa”. In: PEREIRA, G. H.; COSTA, P. R.; VERÍSSIMO, T. A. *História da Tradução no Brasil: teoria, recepção e cânone*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 83-103.
- BARBOSA, T. V. R. “Uma nação se faz com literatura”. *Épicas*, vol. 7, 2020. Itabaiana: CIMEEP/ UFS. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020v7.3753> Acesso em: 30 set. 2025.
- BARBOSA, T. V. R. “Une nation se fait avec de la littérature”. *Le Recueil Ouvert*, Projet Épopée, Université Grenoble Alpes, U. M. R. Litt. & Arts. Disponível em : <https://www.scribd.com/document/931748626/Le-Recueil-Ouvert-Une-Nation-Se-Fait-Avec-de-La-Litterature> Acesso em: 30 set. 2025.

BARBOSA, T. V. R. “Fantasias Metaplasmáticas”. *Revista Re-Produção*. Edição 2021. Casa Guilherme de Almeida, 2021, p. 1-14. Disponível em: <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/arquivos/fantasias-metaplasmicas.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

BARBOSA, T. V. R. “Metaplasmos de um audaz navegador”. In: BARBOSA, T. V. R.; AVELLAR, J.; SILVA, R. T. *Ser clássico no Brasil: apropriações modernistas e pós*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2022. p. 245-283.

BARBOSA, T. V. R. *As auroras de Homero nos dedos de Rosa*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2024.

BARBOSA, T. V. R.. Tersites, o mero mortal sem noção. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*: A comédia, da formação clássica à modernidade, v. 35 n. 3, p. 42-58, 2025.

BARBOSA, Plínio A. A Transcrição Fonética: consoantes no português brasileiro. *Verbetes LBASS*, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lbass/>. Acesso em: 30 set. 2025.

BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. “Rotacismo e lambdacismo no português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas”. *Revista Falange Miúda*, vol. 5, n. 2, p. 41-54, 2023. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/420>. Acesso em: 30 set. 2025.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. “Diegese em *República* 392d”. *Kriterion*, 48, n. 116, dez. 2007, p. 351-366. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000200005>. Acesso em: 30 set. 2025.

BRINKMANN, Vinzenz; KOCH-BRINKMANN, Ulrike. *Reconstruction of a marble statue of a woman wrapping herself in a mantle (so-called Small Herculaneum Woman)*. 2019. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/853791>. Acesso em: 30 set. 2025.

CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CÂMARA, Paulo Perestrello da. *Collecção de proverbios, adagios, rífãos, anexins sentenças moaes e idiotismos da lingoa portugueza*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

CARVALHO, Mário de. *Quatrocentos mil sestérios seguido de O conde Jano*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

CASTRO, Nei Leandro. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CHANTRAINE, Pierre. *Grammaire Homérique. Syntax*. Tome II. Paris: Éditions Klinck-sieck, 1953.

- CHANTRAIN, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque Histoire des Mots*, avec un Supplément sous la direction de Alain Blanc, Charles de Lamberterie, Jean-Louis Perpilou. Paris: Klincksieck, 1999.
- COELHO, F. Adolpho. *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza*. Tomos I e II. Lisboa: P. Plantier, s/d.
- COELHO, F. Adolpho. *A Língua Portugueza: noções de glottologia geral e especial portugueza*. Porto: Magalhães e Moniz Editores, s/d.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976/1979.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo/Brasília: Companhia Melhoramentos/ Editora UnB, 1978.
- CUNLIFFE, John Richard. *A lexicon of the Homeric Dialect*. Expanded Edition. Norman: University of Oklahoma Press, 2012.
- DANIEL, Mary Lou. “João Guimarães Rosa: Língua e Estilo”. *Revista Iberoamericana*, v. 32, n. 62, 1966, p. 247-259.
- DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda. (Francisco J. Caldas Aulete/ Antonio Lopes dos Santos Valente). Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Disponível em <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- EURIPIDES. *Helen*. Edited by William Allan. Cambridge: University Press, 2008.
- FAESI, J. U. (Ed.); HOMERS. *Iliade* (vols. 1 e 2). Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1858.
- FELTON, Cornelius Conway (Ed.); HOMER. *The Iliad of Homer*. Boston: James Munroe and Company, 1858.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1913.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- GOYET, Florence. *Pensar sem conceitos: a função da epopeia guerreira (Ilíada)*. Tradução de Christina Ramalho e Antonio Trindade. Aracaju: Criação Editora, 2021.
- GRAND-CLEMENT, Adeline. *Dans les yeux d'Athéna Glaukôpis. Archiv für Religionsgeschichte*, 12. Band 1, p. 7-22, 2010.

HAILSTONE, Herbert (Ed.); HOMER. *Homer's Iliad: book XXI*; with introduction and notes by Herbert Hailstone. Oxford: Clarendon Press, 1880.

HOMER. *Canto XXI*, Φ. In: *Homeri Opera in five volumes*. Oxford: Oxford University Press. 1920. Disponível em: [http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3A\\_text%3A1999.01.0133%3Abook%3D21%3Acard%3D1](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3A_text%3A1999.01.0133%3Abook%3D21%3Acard%3D1). Acesso em: 30 set. 2025.

HOMER. *Iliad: Book I*. Edited and commented by Seth L. Schein. Cambridge: University Press, 2022.

HOMER. *The Iliad: a commentary: Books 21, 22, 23, 24* by Nicholas Richardson. Cambridge: University Press, 2000.

HOMER. *Iliadis*. Tomo I e II. David Monro and Thomas W. Allen (Eds). Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOMER. *Iliad: books I-XII*. With an introduction, a brief Homeric grammar, and notes by David B. Monro. Oxford: University Press, 1929 [1884].

HOMER. *Iliad I*. With an essay on Homeric Grammar and notes by David B. Monro. Oxford: Clarendon Press, 1828.

HOMER. *Iliad: books XIII-XXIV*. With an introduction, a brief Homeric grammar, and notes by David B. Monro. Oxford: University Press, 1928.

HOMER. *Homer's Iliad: book XXI*. Commentaries and notes by Arthur Sidgwick. Oxford/ Cambridge: Revington, 1880.

HOMER. *Homer's Iliad: book XXI*; with introduction and notes by Herbert Hailstone. Oxford: Clarendon Press, 1880.

HOMER. *The first six books of Homer's Iliad*. Edited and commented by Charles Anthon. New York: Harper & Brothers, 1869.

HOMER. *Homer's Iliad, books XX, XXI and XXII*, with English notes, grammatical & explanatory, and literal translation. Cambridge: E. Johnson, 1862.

HOMER. *Homer's Iliad*. With English notes by Thomas Kerchever Arnold. London: Francis & John Rivington, 1852.

HOMER. *Parsing Lessons to the First Book of Homer's Iliad*. London: University of London, 1828.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e notas de Emílio Crespo. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Haroldo de Campos. Organização de Trajano Vieira. São Paulo: Arx, 2002.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

- HOMER. *Odyssea*. Martin West (Ed). Berlin/Boston: Walter De Gruyter, 2017.
- HOMER. *Odyssey* of Homer. Introd. e comm. W. B. Stanford (vol. I). London: St Martin Press, 1987.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. e introd. de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2000.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, 2003.
- HOPE, Thomas. *Costume of the Ancients. vol. 1*. London: William Miller, 1812. Disponível em: <https://library.si.edu/digital-library/book/costumeofancient01hopes>. Acesso em: 30 set. 2025.
- HOPE, Thomas. *Costume of the Ancients. vol. 2*. London: William Miller, 1812. Disponível em: <https://library.si.edu/digital-library/book/costumeofancient02hopes>. Acesso em: 30 set. 2025.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JACOB, Paulo. *Dicionário da língua popular da Amazônia*. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Vocabulário galego-português*: extraído da edição crítica das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*. Coimbra: Editorial Editorial Galaxia, 1965.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer; dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Coimbra: Editorial Galaxia, 1970.
- LATEINER, Donald. “Nonverbal Communication in the *Histories* of Herodotus.” *Arethusa*, vol. 20, n. 1/2, 1987, p. 83-119.
- LATEINER, Donald. *Sardonic smile: Nonverbal Behavior in Homeric Epic*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1998.
- LATEINER, Donald. “Proxemic and Chronemic in Homeric Epic: Time and Space in Heroic Social Interaction.” *The Classical World*, Vol. 98, n. 4, 2005, p. 413-421.
- LATEINER, Donald; SPATHARAS, Dimos. *The Ancient Emotion of Disgust*. Oxford: University Press, 2017.
- LEAF, Walter (Ed.); HOMER. *The Iliad*, vol. 1. London/ New York: The Macmillan Company, 1900.
- LEAF, Walter (Ed.); HOMER. *The Iliad*, vol. 2. London/ New York: The Macmillan Company, 1902.
- LEE, Mireille M. *Body, Dress, and Identity in Ancient Greece*. Cambridge: University Press, 2015.

- LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- LIMA, Bonfim Queiroz; COSTA, Angélica Bernardino; SOUSA, Leandro Rodrigues; SOUZA, Raquel Araújo; SENA, Simone Ferreira. “O processo histórico de transformação ocorrido na língua portuguesa e nas variações linguísticas: metaplasmos em variedades rurais do sul do Pará”. *Revista Philologus*, 28, n. 84, Rio de Janeiro, CIFEIL, 2022, p. 979-989.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Comp., 1920.
- LOIOLA, Wagner Rodrigues. *Estudo dos aspectos formais e linguísticos em editais do século XVIII*. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Pequeno vocabulário do português arcaico*. Salvador / Brasília: Edufba / Editora UnB, 2014.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva; CUNHA, Antonio Marcio Reinaldo; CERQUEIRA, Gislaine Costa. *Dona Guidinha do Poço: a vida das palavras*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2023.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Extratos traduzidos por Cristiano Florentino. Revisão de Sônia Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.
- MESCHONNIC, Henri. *Les états de La Poétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- MILLER, D. Gary. *Ancient Greek Dialects and Early Authors: Introduction to the Dialect Mixture in Homer, with notes on lyric and Herodotus*. Boston/Berlin: Walter de Gruyter, 2014.
- MONRO, David B. *Homer Iliad, book I*. Oxford: Clarendon Press, 1878.

- MONRO, David B. *A Grammar of The Homeric Dialect*. Oxford: Clarendon Press, 1891.
- MONRO, David B. *Iliad: books I-XII* (with an introduction, a brief Homeric grammar, and notes). Oxford: Oxford University Press, 1929.
- MONTEIRO, Clóvis. *A linguagem dos cantadores*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2021.
- MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de Língua Portuguesa Arcaica*. Natal: EdUFRN, 2005.
- MOTTA, Leonardo. *Cantadores* (Poesia e Linguagem do Sertão Cearense). Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921.
- MOURA, Alessandro Rolim de. “A poesia em Platão: a *República* e as *Leis*”. *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 201-217.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süsskind de Mendonça & Comp., 1922.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional na escola secundária*. São Paulo: Editora Proprietária Cia. Melhoramentos, 1935.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1982.
- OTTO, Walter F. *The Homeric Gods*. London: Thames and Hudson, 1954.
- OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- PALEY, F. A. (Ed.); HOMER. *The Iliad of Homer*, vol. I. London: Whittaker & Co., Ave Maria Lane, 1866.
- PALEY, F. A. (Ed.); HOMER. *The Iliad of Homer*, vol. II. London: Whittaker & Co., Ave Maria Lane, 1871.
- PALEY, F. A. *Iliad of Homer*, vol. II. London: Whittaker and Co., 1884.
- PEREIRA, Sílvio Batista. *Vocabulário da Carta de Pero Vaz Caminha*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1964.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Tipografia Silva, 1832.

PLATÃO. *A República*. Tradução, introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PORTO EDITORA. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proxemica>. Acesso em: 30 set. 2025.

PRIETO, Maria Helena Ureña. Índice de nomes próprios gregos e latinos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

RESENDE, Teresinha Cristina Campos de; GOMES, Christina Abreu (Orientadora). *Dinâmica do contato dialetal: Estudo sociolinguístico em Conceição de Ibitipoca – MG*. (Tese) Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, João. *Diccionario Grammatical*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

RICHARDSON, Nicholas. *The Iliad: a commentary Volume VI: books 21-24*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

RICOEUR, Paul. *Sobre Tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Vol. 1. Organização de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009a.

ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Vol. 2. Organização de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009b.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulário brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia dous de dezembro de Paula Brito/ Impressora Casa Imperial, 1853.

SEO, He Nem Kim. *O mapa e a lei: evolução do uso da cartografia na legislação urbanística do município de São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo / Planejamento Urbano e Regional, 2019.

SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Coordenação e atualização José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SIDGWICK, Arthur. *Homer's Iliad: book XXI*. Oxford/Cambridge: Revingtons, 1880.

SILVA, Simone Cristiane Silveira Cintra. *No caminho do mito: um olhar sobre o processo de criação de Nonoberto Nonemorto* (Grupo Adaime de Teatro). Campinas, SP: Unimep, 2002.

SILVA, Joaquim Carvalho da. *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. Londrina: EDUEL, 2007.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário Tupi-Português*. São Paulo: Traço Editora, 1984.

TROLLOPE William (Ed.); HOMER. *The Iliad of Homer*. London: J. & F. H. Rivington, 1866.

TYLER, W. S. (Ed.); HOMER. *The Iliad of Homer*: books XVI-XXIV. New York: Harper & Brothers, 1886.

VIEIRA, Domingos. *Grande Diccionario Portuguez*. Vols. 1-5. Porto: E. Charuon & Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

WATSON-WILLIANS, E. “ΓΛΑΥΚΩΠΙΣ ΑΘΩΝΗ.” *Greece & Rome*, vol. 1, n. 1, p. 36-41, 1954.